



JOÃO DÉCIO PASSOS

O VÍRUS VIRA MUNDO

Em pequenas janelas da quarentena

JOÃO DÉCIO PASSOS

O VÍRUS VIRA MUNDO

Em pequenas janelas da quarentena



1ª edição – 2020

Direção-geral: *Flávia Reginatto*
Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonato e João Décio Passos*
Copidesque: *Ana Cecília Mari*
Revisão: *Sandra Sinzato*
Gerente de produção: *Felício Calegari Neto*
Capa e projeto gráfico: *Tiago Filu*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)
Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2020

Sumário

Apresentação	7
--------------------	---

A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

E de repente o mundo parou.....	13
A força de um vírus	19
As viagens do vírus	25
Derrubando os muros.....	31
A casa e a rua	37
Impactos e medos.....	43
A crise dentro da crise, dentro da crise.....	49

SIGNIFICADOS DA PANDEMIA

As interpretações do coronavírus	55
A ciência do coronavírus.....	61

A pandemia econômica	69
A pandemia e o outro mundo.....	75
O vírus verde e amarelo.....	79
Discursos afinados.....	85
A pandemia da pós-verdade.....	91

O DIA SEGUINTE DA PANDEMIA

O dia em que sairmos da caverna	99
A crise e a cura	105
O religioso essencial	111
De volta para casa.....	117
Uma crise pascal.....	123
Ensinamentos da pandemia	129
A teologia do silêncio.....	135
A vida planetária	141

Apresentação

A pandemia do coronavírus é datada como qualquer epidemia. Do ponto de vista do ciclo de contaminação do vírus, ela seguirá um curso mais ou menos regular e, com a intervenção das ciências, será controlada por uma vacina que já se encontra em elaboração. O futuro descreverá a história de uma grande pandemia que se abateu sobre o planeta, recordará os números de contaminados e mortos, o pânico das populações e os dramas dos países para cuidar dos infectados e controlar a contaminação. Contudo, o que será narrado no futuro como mais inédito e relevante não será, com certeza, esses aspectos sanitários, mas, sim, os impactos históricos decorrentes da gripe que tomou conta do mundo. Em algumas semanas, o mundo parou e refugiou-se nos

abrigos domésticos. A economia mundial suspendeu seus dogmas e deu lugar a estratégias de socorro das populações com investimentos estatais, bem como injetou grandes somas nas empresas por parte dos Estados. A vida do planeta assumiu outra dinâmica e outro rumo, em franca ruptura com a regularidade que se impunha como única possível em termos de produção, comércio, transportes, lazer, saúde e, até mesmo, práticas religiosas. O vírus virou o mundo.

É precisamente dessas rupturas que emergem as perguntas pelos significados atuais e futuros da pandemia, ou, mais precisamente, dos impactos humanos do vírus invisível. O mundo sairá dessa experiência única com outras utopias e com outras práticas? E será que, na verdade, os líderes mundiais terão essa percepção da necessidade e possibilidade de uma mudança de rota nas práticas produtivas do regime capitalista globalizado e orientado por princípios neoliberais? Nossa geração terá o privilégio histórico de conferir o que será construído nessa fase pós-pandemia. Veremos a humanidade dar um passo à frente ou retornar aos velhos modelos e às práticas de vida que há muito já colocava a vida da terra e das populações em risco de sustentabilidade?

As reflexões que compõem este minúsculo livro nasceram durante os dias de quarentena, como pequenas janelas que quiseram abrir algumas perspectivas presentes ou escondidas na grande crise; nasceram sem pretensões de compor um conjunto como esse que agora o leitor tem em mãos. Cada texto foi escrito em dias e contextos diferentes, tendo como subsolo os fatos que se desdobravam, à medida que a crise mundial mostrava seus muitos aspectos e envolvia a todos com seus dramas. São reflexões dedicadas a temáticas variadas e, por vezes, repetidas, porém, preocupadas em pensar os significados da pandemia. O leitor poderá perceber em cada uma delas um pouco do que aconteceu conosco e ainda possíveis sinais do que poderá acontecer com o mundo.

Toda reflexão tem como objetivo ajudar a pensar sobre alguma coisa; visa oferecer elementos que permitam ir além do que rola de boca em boca, hoje, de celular em celular. As mídias sociais que hoje nos acompanham dia e noite com suas informações, tão numerosas quanto incertas, exigem de todos critérios de discernimento sobre a realidade dos fatos e a veracidade das interpretações. A pandemia que vivenciamos de forma inédita, sem qualquer treinamento prático e sem teorias esclarecedoras, revela, para além de sua realidade

sanitária – como vírus que se espalha e exige estratégias de controle –, as inúmeras interpretações que circularam pelas redes de comunicação, cada qual se apresentando como verdade. Pensar sobre esse acontecimento inédito na história humana é urgente. O que aconteceu com o planeta que, de repente, parou? Onde estivemos e para onde vamos? Em nome de nossa inteligência que nos cobra fidelidade aos fatos e coerência nas versões, de nossa cidadania que exige pensarmos no bem dos semelhantes e do planeta, e de nossa fé que nos coloca em perspectiva de um mundo novo sempre necessário e possível, vamos pensar em alguns aspectos dessa grande crise que se abateu sobre todos e cada um.

A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

O vírus viajou e o mundo parou...

*Quem sabe o que é melhor para o homem durante a vida,
ao longo dos dias contados de sua vida de ilusão,
que passam como sombras? Quem poderá dizer ao homem
o que vai acontecer depois dele debaixo do sol?*

(Ecl 6,12).

E de repente o mundo parou...

Na década de 1970 o roqueiro baiano, Raul Seixas, compôs uma música que reproduzia suas percepções místicas do mundo, mistura de esoterismo e contestação política. A música foi um grande sucesso e ninguém jamais imaginava que ele pudesse estar narrando, há mais de quarenta anos, o que, de fato, aconteceria com o planeta. *O dia em que a terra parou!*, cantava o roqueiro. No seu sonho maluco imaginava um dia em que tudo pararia de funcionar...

Foi assim

No dia em que todas as pessoas

Do planeta inteiro

Resolveram que ninguém ia sair de casa

Como que se fosse combinado em todo o planeta
Naquele dia, ninguém saiu de casa, ninguém

Nas alturas da história humana, ninguém sonharia como Raul. Jamais se ousaria dizer que o mundo poderia parar, engatado que estava nos ritmos alucinantes de progresso, nas dinâmicas incessantes da produção-consumo e numa suposta estabilidade do capital globalizado. Nos tempos da guerra fria, os riscos de uma hecatombe atômica não eram descartados. Os professores costumavam lembrar os perigos reais de um fim do mundo por uma guerra final entre as duas grandes potências mundiais. Com o fim da União Soviética, a ideia de um mundo estável e de uma história que havia chegado ao fim tomou conta de nossas percepções sobre o futuro do planeta. O mercado globalizado havia configurado uma forma de economia e de governos que se tornou cada vez mais hegemônica pelo planeta, não obstante a grande crise econômica de 2008. A perspectiva da estabilidade, em vez da ruptura, tomou conta de nossos imaginários de futuro, mesmo para aqueles que, em nome de uma leitura dialética da história, afirmavam teoricamente a contradição inerente ao capitalismo e a possibilidade

de crises cíclicas. E a crise ou o fim das utopias foi bem mais que um conceito histórico ou sociológico. De fato, os ideais de outro mundo diferente perderam cada vez mais sua força de atração para as populações e até para as organizações populares e os partidos políticos. As utopias foram sendo domesticadas. Partidos de esquerda se ajustaram como puderam às políticas neoliberais; afirmaram suas políticas sociais, porém, abandonando a ideia de uma ruptura estrutural com o regime dominante. As forças de ruptura sistêmica de fato se exauriam, ainda que muitos profetas da igualdade continuassem pregando no deserto sobre a necessidade ética de um outro mundo. Venceu a ideia de um mundo estável e imutável, de uma espécie de justiça historicamente possível, já não realizada.

Faz algumas décadas que o mundo parece ter se entregado ao presente possível. E o consumo teve sua participação ativa nesse conformismo ao momento presente. O ato de consumir, encaixado ao mercado, costurou a síntese mais perfeita entre os desejos insaciáveis da alma humana e as dinâmicas de produção do mercado na sequência cíclica do *produzir-consumir-produzir...* Esse ciclo de produção-consumo incessante dispensa,

por sua própria lógica, qualquer promessa de futuro. O futuro é antecipado no agora por meio do produto que oferece a última e mais perfeita promessa de felicidade imediata e plena. À cultura de consumo só resta a lei do consumir agora para obter maior bem-estar. Os produtos renovados incessantemente em suas eficiências (ofertas de bem-estar) oferecem felicidade, mesmo que somente nas aparências. Aliás, as aparências já oferecem por si mesmas a verdade e a bondade. A nova versão dos transcendentais medievais pode ser escrita nessa sequência belo-bom-verdadeiro. O belo contém a bondade e a verdade. As belas embalagens e as marcas são por si mesmas garantias de veracidade. Os produtos integram nessa oferta metafísica todas as promessas e dispensam as utopias de outro mundo melhor como desnecessárias. O bem-estar atual e acessível é totalizante, onipotente e onipresente.

O mercado mundial centrado na regra do dinheiro, que deve gerar dinheiro também, se encontrava distraído em suas aplicações imediatas, enquanto o vírus iniciava sua jornada detrás da grande muralha. As aplicações financeiras domesticam o futuro, transformam em cálculo de lucro imediato as ações e tudo o que for postergado

para o amanhã significa prejuízo a ser evitado. Aplicar agora para ganhar agora constitui a regra que embriaga no império do acúmulo, no presente que ignora o futuro da humanidade e do planeta. O máximo de lucro com o menor gasto é a regra do mercado mundial.

Foi nessa cultura estável da felicidade presente que a crise da pandemia eclodiu com seus apelos urgentes e com seu vírus corrosivo. O mundo foi pego de surpresa com o novo vírus que se espalhou sem pedir autorização para atravessar as fronteiras nacionais, algumas muito bem muradas. Em poucos dias, o mundo foi lançado para uma política desesperada da salvação imediata das populações e das economias. Não houve tempo para rever os velhos princípios e, na maioria dos casos, de refazer as infraestruturas de saúde, há tempo entregues à volúpia do capital privado.

É verdade que as grandes epidemias não avisam suas chegadas. Diferentemente das previsões construídas pelas decisões políticas, que fazem prevalecer sempre a conservação de interesses e privilégios dos mais fortes, as epidemias desbancam os poderes e impõem novas estratégias para os povos e nações. O medo da morte constitui, por certo, o núcleo mais profundo dessas cri-

ses. Mas vem junto a preservação dos poderes políticos. As crises epidêmicas desbancam as leituras seguras do mundo, as religiosas e as políticas; mostram a fragilidade da vida e dos poderes e trazem à tona o mais essencial: a preservação da vida. A fila dos caixões que abarrotam os cemitérios escancara essa impotência dos poderes e provoca, quase sempre, quedas de governos, reconfigurações geopolíticas e desvios de rotas das civilizações. Os governos sabem disso e temem por seus projetos de poder. Assistimos às cenas de governos muito seguros de si mesmos buscando meios quase desesperados para salvar suas nações dos desastres sanitários e econômicos. As rotas políticas previamente traçadas desmoronaram da noite para o dia. Não esperávamos, não foi um sonho, mas vimos a terra parar!

E nas igrejas nem um sino a badalar
Pois sabiam que os fiéis também não tavam lá
E os fiéis não saíram pra rezar
Pois sabiam que o padre também não tava lá
E o aluno não saiu para estudar
Pois sabia que o professor também não tava lá
E o professor não saiu pra lecionar
Pois sabia que não tinha mais nada pra ensinar

A força de um vírus

Falar do poder letal do coronavírus é falar do óbvio. As epidemias acompanham a história da vida em geral e da vida humana e até mesmo a existência do próprio universo. A diferença é que hoje a disseminação de um vírus é incomparavelmente mais veloz que no passado; veloz como se tornou a mobilidade humana planetária. Em algumas horas um vírus pode se espalhar pelo planeta incubado em passageiros que circulam pelos continentes e se esbarram em aeroportos lotados. Essa pandemia é, nesse sentido, uma pandemia de fato globalizada, um fenômeno da vida planetariamente conectada. Sem as viagens aéreas, qualquer contaminação seria muito menos ágil e sequer assumiria configurações mundiais, como no caso dessa pandemia. Trata-se de uma epidemia

tecnologicamente mundializada, que deu ao Covid-19 as condições de circular pelo mundo na velocidade que assistimos. O vírus é um agente infeccioso que faz parte da natureza inerte e viva e, por conseguinte, da natureza dos homens. A espécie humana emergiu em meio aos vírus que se hospedavam nas células dos seres vivos havia milhões de anos. Vida e vírus são habitantes do mesmo hábitat.

Vale recordar que a natureza não constitui um dado isolado da cultura humana, mas interage construtivamente com ela. O mundo está cada vez mais lançado a destinos comuns pelas condições criadas pelo ser humano. O mundo natural participa dos processos de interação humana. O vírus parasita do cachorro tem o potencial de contaminação restrito às dimensões do mundo habitado pelos cachorros. O vírus parasita do ser humano viaja com ele pelo planeta.

É certo que o Covid-19 é potencialmente mais ágil no processo de contágio e mais letal que outros vírus até o momento conhecidos. Ele provoca mais que uma simples gripe, como querem algumas mentes ingênuas e fanáticas, bem como se adapta rapidamente às células humanas. Os números de morte por ele provocadas

excedem em muito o de outras gripes e ainda estão por ser contabilizados com mais precisão de agora em diante.

O fato é que o Covid-19 está escrevendo uma outra história das epidemias e de seus efeitos. Nunca dantes o mundo foi paralisado por causa de um vírus, ou, mais precisamente, por causa da compreensão que se tem da natureza e do funcionamento de um vírus. O vírus ataca e destrói as células vivas. Os organismos reagem com os anticorpos que conseguem produzir, assimilando ou morrendo. Os seres humanos que agora conhecem bem o parasita e seus efeitos elaboram estratégias para driblar seu ciclo de contaminação e transmissão. Num sentido mais exato, é preciso dizer que foi a ciência que parou o mundo e não o coronavírus por si mesmo.

Contudo, é também oportuno refletir sobre o poder do parasita nesse contexto da marcha histórica da humanidade. Não há como não pensar no poder gigantesco que, de repente, adquiriu esse ser invisível e o que provocou e ainda irá provocar de mudanças na história da humanidade. A natureza mostrou mais uma vez sua força implacável, fazendo os seres humanos tomarem consciência de sua fragilidade. O risco iminente da morte causa uma fuga natural nos seres vivos. Não estamos

muito distantes dessa reação instintiva que faz com que todos busquem abrigos seguros. Por certo, o medo da morte mais acentuado na sociedade do bem-estar ofereceu em boa medida o clima de fundo do medo e até do pânico que tomaram conta do mundo e fizeram com que se procurassem formas mais radicais de controle. A cultura do bem-estar não suporta confrontar-se com o sofrimento e a morte. A pandemia atiçou nossos instintos de sobrevivência e nossas seguranças supostamente garantidas pela vida moderna.

A dinâmica do vírus consiste precisamente em “alimentar-se” da vida. Como outros parasitas, o vírus expõe a própria lógica do sistema vivo em que um ser se alimenta do outro. A natureza não é um sistema harmônico como imaginam as almas românticas, mas é ordem e desordem, caos e cosmos que se misturam sem cessar. A morte é não somente o final inevitável de todos os seres vivos, mas é um mecanismo inerente ao processo vital e ao conjunto que se mantém como sistema vivo, todo composto de vivos que lutam entre si para se perpetuarem segundo suas espécies. Viver e morrer, sobreviver e matar compõem o paradoxo natural do sistema vivo no planeta terra. Viver é matar para viver

e um ser morre para que outros vivam. E os evolucionistas completam a explicação: o mais forte sobrevive e se impõe como espécie resistente que se define e se perpetua. A humanidade está inserida nessa realidade primordial que desfaz as pretensões antropocêntricas de um super-homem onipotente localizado no topo da evolução e acima de todos os perigos. A humanidade se insere, antes de tudo, na história da vida e participa das dinâmicas que a compõem. Os vírus, as bactérias, os bacilos, os protozoários, os insetos e as grandes feras podem nos matar para sobreviver. Podemos nos tornar alimentos para a sobrevivência dos seres minúsculos. Não se trata de uma fatalidade, mas de uma realidade mais básica que nos define como vivos-mortos.

A natureza funciona implacavelmente com sua lógica de cosmos-caos. O Covid-19 nos ensina essa verdade pouco romântica. O mundo dos inúmeros vírus habita precisamente nosso mundo e não outro; são formações parasitárias latentes no mundo vivo que emergem com mais ou menos força a qualquer momento, a depender de variáveis que coincidam entre si. Essa percepção natural desfaz duas perspectivas que podem emergir neste momento de pandemia: o de uma natureza vingativa

que nos castiga com seus mecanismos purificadores ou de uma natureza que carrega predeterminismos que a refazem periodicamente. A natureza é constituída de morte e vida e, nesse modo de ser, os acidentes podem acontecer não por força do acaso ou de causas externas, mas por causas naturais, pelo nexo de causas e efeitos.

Mas no meio da desordem o ser humano dedica-se a buscar a ordem, transforma, com suas capacidades, o caos em cosmos. Isso nos distingue de outras espécies vivas. Somos pastores da ordem que luta para superar a desordem e defensores da vida que quer vencer a morte. O Covid-19 é natural e segue seu curso destrutivo como todos os vírus. De nossa parte, inventamos a vacina e assimilamos o vírus em nosso organismo. O cosmos vencerá o caos da pandemia, ao menos por hora.

As viagens do vírus

A natureza do vírus é buscar hospedagem em células vivas. Ele é um hospedeiro viajante que faz parte da natureza viva, composta por seres de distintos tamanhos e espécies, visíveis e invisíveis, seres mais ou menos dependentes em suas funções, seres que se completam e que se aniquilam. Os diferentes vírus (casa dos milhões ou bilhões, uma vez que o universo está lotado desses seres) não têm metabolismo próprio como as células vivas, mas dependem destas para se reproduzirem. Seu processo de subsistência deriva de uma viagem nas células, desde a ligação na membrana até a reprodução no interior da mesma, ficando, então, pronto para ser transmitido. O vírus assimila a vida das células, assim como adquire características próprias nesse processo.

É um ser hospedeiro e mutante. Essa viagem intracelular resume a rota do vírus e traça o destino do hospedeiro e do hospedador, a depender da capacidade imunológica de quem hospeda e da força letal do próprio vírus. A viagem, daí para a frente, depende de quem hospeda, da mobilidade e das interações entre outros seres vivos. A história da humanidade narra muitos episódios de contaminação viral com diferentes impactos na vida das populações. Dos mais aos menos letais, os vírus acompanharam a vida humana, assim como a de outras espécies vivas. O desenvolvimento da vida da espécie e também dos indivíduos é sempre um enfrentamento das contaminações virais. Somos o resultado de processos imunológicos bem-sucedidos. Antes das vacinas, cada organismo assimilava naturalmente ou não as levas de vírus de sarampo, catapora, caxumba, coqueluche e, evidentemente, as incontáveis gripes. As viroses são nossas companheiras de viagem desde que a vida é vida e desde que passamos a existir como indivíduos.

A contaminação viral é natural, mas, no caso dos humanos, está condicionada cada vez mais a uma variável cultural: a capacidade humana de locomoção mais ou menos rápida e, por conseguinte, as interações sociais

daí decorrentes. Somos os transportadores dos vírus e os participantes na instalação das epidemias. O vírus é, nesse sentido, um participante de nossos processos de socialização. Quanto mais intensa e extensa for nossa socialização, mais intensa e extensa serão as transmissões virais. A nossa vida social é a vida social do vírus. As sociedades tribais isoladas em seus pequenos mundos possuíam, evidentemente, seus vírus comunitários, mas, pelas condições de isolamento, as contaminações eram lentas e permaneciam não somente localizadas, mas com imunidades igualmente localizadas e, por conseguinte, depuradas em suas capacidades de resistência. Com a formação da vida urbana e das grandes civilizações, as contaminações conheceram seus momentos de maior expansão e causaram, por consequência, seus maiores impactos. O vírus novo para um grupo se mostra, evidentemente, mais letal. Um nativo que não foi exposto à gripe quase sempre morre ao ser contaminado. Sabemos dos impactos do vírus da gripe para as populações nativas da América do Sul, quando da chegada dos espanhóis e portugueses. Outras epidemias se inscrevem nessa mesma lógica, como no caso da peste negra, que foi da Ásia para a Europa, por meio das caravanas

comerciais. Sem essas condições econômicas, políticas, sociais e tecnológicas, a Europa não teria sofrido a redução demográfica de um terço de sua população com a grande peste.

Se o bacilo da peste bubônica viajou de navios e se instalou na Europa no século XIV, o coronavírus viajou em alguma nave supermoderna também da Ásia para o resto do mundo. A sua instalação primeiro no Norte do mundo indica o mapa da mobilidade humana e, por conseguinte, dos poderes aquisitivos: o turismo de negócios e de lazer que se concentra no Norte do globo. As trocas comerciais trocam também doenças. O mapa econômico é também o mapa do vírus. O resto do mundo hoje conectado mostra igualmente a viagem aérea do vírus por meio de classes sociais mais favorecidas. O coronavírus viaja e tem classe social. Os mais ricos introduziram o vírus em seus países. Isso é fato econômico-social e não juízo moral sobre condutas individuais que serviram de abrigo para o Covid-19. No caso do Brasil, a comitiva do presidente da República fez sua parte na rota de entrada a partir dos EUA. E, em cada país, os mais pobres pagaram, evidentemente, o maior preço. Os negros e os latinos nos Estados Unidos, os pobres da Brasilândia em

São Paulo, os pobres das periferias de Fortaleza etc. A igualdade de destino das classes sociais constitui somente um aspecto da pandemia. As entradas nacionais do coronavírus via Ásia, Europa e EUA se deram por meio de quem pode fazer viagens internacionais. O Covid-19 não chegou aqui de graça ou por força de um destino sobrenatural previamente traçado por alguma entidade. A economia e as tecnologias são as condições fundamentais para entender a disseminação mundial do vírus na velocidade e na intensidade em que se deu. A pandemia, na configuração que assumiu, é fruto dessas condições.

A viagem interna do Covid-19 continuou por meio dos organismos socialmente posicionados. Os mais necessitados são mais expostos e transmitem mais. O isolamento social tem imensos limites de ser efetivado nos cortiços e favelas. Os trabalhadores que permaneceram em seus postos são potenciais transmissores em maior escala do que aqueles que podem permanecer em casa. Por fim, as possibilidades de socorro médico nos casos mais graves colocam os pobres em situações de maior risco de vida. As pandemias não são socialmente neutras.

Derrubando os muros

A crise mundial que se encontra em curso com a pandemia ainda não se desenhou por completo em nenhum aspecto. Ainda não sabemos como ficará o planeta depois que tudo passar. Mas, na realidade, estamos vivendo uma crise que se instalou sobre uma crise anterior que se anunciava como início de uma catástrofe ocidental; catástrofe política (na verdade econômica) que já expunha a descrença na tradição democrática liberal, nas instituições sociais, na sociedade organizada, nos movimentos sociais, nos partidos políticos e no próprio Estado laico. A solução para essa crise se anunciava como retorno aos fundamentos esquecidos da civilização ocidental: a família tradicional, a identidade cristã, a moralidade e, até mesmo, um fundamento religioso

para a política e para o Estado. Projetos políticos de ultradireita se apresentaram com essa plataforma pelo mundo afora. Sem muita justificativa teórica, candidatos exibiram suas performances religiosas no momento de suas campanhas políticas, até mesmo na velha Europa secularizada. No Brasil, essa ideologia política chegou ao poder nas últimas eleições e configurou um governo inédito em franca ruptura com as regras regulares do jogo democrático, com os direitos sociais e com a laicidade do Estado.

A defesa da identidade ocidental e a volta aos fundamentos da mesma se apresentaram como enfrentamentos de um grande inimigo solto pelo planeta, mistura assombrosa de várias entidades ameaçadoras: comunismo, ideologia de gênero, refugiados/migrantes e islamismo. Esses inimigos visíveis ou invisíveis, reais ou fictícios deveriam ser eliminados do planeta, sob pena de cairmos no caos final; são todos eles monstros detonadores da velha ordem ocidental e das estabilidades social e política das nações e deveriam ser expurgados pelos mais diferentes muros: muros políticos e até jurídicos que países europeus edificaram para impedir a entrada de imigrantes africanos e refugiados sírios, muros físicos para cercar a

entrada de latinos nos Estados Unidos, muros ideológicos xenofóbicos, homofóbicos e racistas edificados nos discursos de segurança nacional de muitos governantes. Na verdade, todos esses muros são aporofóbicos (rejeição aos pobres), como explica a filósofa espanhola Adela Cortina. Nos países da segurança murada, são bem-vindos negros, homossexuais, refugiados, migrantes, desde que não sejam pobres e contribuam com o aquecimento das economias locais.

Os muros e os soberanismos das nações se apresentaram como solução para os problemas mundiais reais e fictícios, como fechamento das nações em si mesmas, fechamento do Norte para o Sul do planeta, fechamento do Ocidente para o Oriente. Deus foi sendo invocado de diferentes maneiras como poder primeiro dessa identidade, desses fechamentos locais e dessa intolerância a tudo que se julgava como diferença ameaçadora. A volta a uma suposta identidade perdida deveria ser acionada por um outro projeto político distinto das democracias liberais e os muros demarcariam essas identidades.

Pois bem, é no meio dessa crise e desse projeto em emergência que o coronavírus emergiu como uma

pandemia desestruturante. O vírus de origem asiática vazou a grande muralha e se espalhou pelo planeta em poucas semanas; atravessou as fronteiras e colocou em xeque as supostas seguranças e os fechamentos das nações. O Covid-19 quebrou os diversos muros sem discussões e sem cerimônias; infectou e infecta homens seguros do poder e pobres desvalidos. Mostrou também que as defesas dos mercados locais que expurgaram os refugiados como socialmente insustentáveis desmoronou da noite para o dia e exigiu investimentos altíssimos dos Estados nas economias e no socorro de saúde à população. Não são somente os corpos que vão sendo infectados, mas também as ideias consolidadas dos organismos políticos de governo. O vírus adentrou nos corpos físicos das pessoas de todas as classes, nos corpos fechados das nações muradas, no corpo das ideologias segregacionistas e no corpo autônomo da economia de mercado. As cercas de proteção foram atravessadas e desautorizadas.

Essa vala comum da história vai sepultando lentamente as ilusões egoístas dos consumistas, dos donos do dinheiro, dos poderes messiânicos e dos donos da graça de Deus. Para onde estava caminhando o planeta?

Onde estávamos nessa odisseia? Onde mora o verdadeiro perigo para a humanidade? Quais muros podem oferecer proteção? De onde virão os socorros, para além dos socorros econômicos? Quais os verdadeiros valores que a humanidade deve preservar e fazer valer? Quem são os verdadeiros líderes das nações? Quem são os verdadeiros pastores que cuidam das ovelhas, a começar das mais frágeis? A pós-pandemia fará descortinar uma era da civilização sem muros?

A casa e a rua

A quarentena mudou significativamente nossos hábitos. Cada um sabe o quanto a vida mudou e as exigências psicológicas que vieram juntas com essa mudança. Dormimos com alguns hábitos e tivemos que acordar com outros que já não sabíamos praticar havia muito tempo. Nossa vida era feita pela interação entre a casa e a rua. A casa era mais o refúgio da rua, e a rua o espaço que nos absorvia na maior parte de nossa agenda: trabalho, lazer, saúde, consumo etc. Os hábitos metropolitanos fazem lembrar os hábitos dos pássaros que retornam no fim do dia para seus ninhos, onde passam a noite até a revoada no dia seguinte. Vivíamos em autênticos dormitórios e, em muitos casos, dormitórios (quartos individuais) dentro do dormitório

comum familiar. A casa havia deixado de ser um ponto de encontro entre os membros da família. E o fim de semana era ainda dominado pela rua, quando o “comer fora” se tornou quase sempre regra e ritual. De repente, a casa virou o mundo habitado por todos e todos tiveram que reaprender a conviver nesse pequeno mundo. Ainda estamos digerindo o significado social, psicológico e até mesmo econômico desse retorno à casa e ao lar.

A casa se tornou refúgio do perigo, de um perigo tão real quanto invisível, tão próximo quanto distante. A situação de confinamento faz lembrar o papel das casas nos rincões do Brasil rural. Quem viveu nesse mundo sabe o significado de uma casa isolada no meio do sertão, sem vizinhos próximos, sem energia, sem muros de proteção. A noite trazia a insegurança e o perigo da escuridão; com ela vinham bichos e assombrações que podiam atacar sorrateiramente. A vida noturna era rigorosamente dividida em dois momentos, o da reunião familiar para refeições e prosas e o do sono que se impunha com o apagar do lampião. A casa era o verdadeiro refúgio para perigos reais e imaginários. Os refúgios construídos em tempos de guerra descrevem de modo dramático essa saga do esconder para se proteger.

Em proporções diferentes, estamos de volta ao refúgio da casa. As condições são outras e bem melhores. A sociedade da informação nos favorece com as possibilidades de informação em tempo real e, de modo salvador, de *home office* que nos permite tocar adiante nossas lidas profissionais. De dentro de casa nos conectamos com o mundo, com os amigos e com os parentes igualmente isolados e continuamos nosso labor pelo sustento da vida. A experiência é inédita, embora já tivessem sido dadas as condições tecnológicas para esse novo estilo de vida. Contudo, o perigo continua lá fora. Se o arquétipo do “perigo lá de fora”, que nos ronda desde os tempos das cavernas, ainda habita nossa alma, ele está apto, agora, a nos avisar de novo: fique na toca que lá fora tem perigo. Retornamos ao instinto de sobrevivência. E as saídas para fora reeditam as estratégias antigas com nossos equipamentos de proteção. Proteja-se do inimigo que ronda e é invisível. Como no passado, escutam histórias assombrosas todas as noites, vemos o vírus avançar e se aproximar, e presentimos o ataque do invisível a qualquer momento em algum conhecido. E, como no passado, muitos gritam por socorro sobrenatural. Não tem faltado receitas de

reforço do abrigo com unções de óleo sagrado, com crucifixos nas portas, com novenas etc. No meio da escuridão e com o invisível que pode atacar a qualquer momento, os gritos por socorro divino sempre estiveram presentes na alma humana como última solução. Não estariam ausentes neste momento desafiador.

O coronavírus tem nos ensinado. Possui uma “pedagogia cruel”, na expressão de Boaventura Sousa Santos. Para muitos, estaríamos vivenciando uma ruptura de paradigmas; um novo modo de viver estaria mostrando suas possibilidades em meio aos desafios imediatos da pandemia. Talvez devamos ou, ao menos, possamos recriar nossos modos de viver de agora em diante. Ficar em casa é um aprendizado desafiante porque a casa não é mais nem a caverna nem a casa da roça. Aquelas significavam um isolamento real e um refúgio, na verdade, precário. A vida familiar não é também a mesma. As famílias são pequenas e cada indivíduo vive sua individualidade e isolamento em seu mundo sustentado pelos aparelhos celulares. A vida coletiva está refeita nos seus modos de produzir e de se relacionar. A família foi sendo, cada vez mais, o refúgio do individualismo dos trabalhadores frenéticos e dos autômatos das redes sociais de comunicação.

De fato, a educação familiar tradicional foi suplantada, há muito, pela educação social que coloca os padrões comuns acima daqueles familiares e, também, os valores que vêm de fora e distintas fontes como parâmetros da vida correta. As famílias são mais passivas que ativas nesse sistema mundializado. Nesse sentido, o isolamento social não isola as informações nem reedita os antigos processos de educação tradicional, centrados em valores familiares ou na cultura local. Vivemos um isolamento mundializado, uma casa conectada em redes.

Contudo, por certo, o primeiro passo foi dado. Voltamos para o mesmo espaço de abrigo. A família foi empurrada para um encontro consigo mesma. Resta ainda aprendermos a viver de novo em família. Não mais uma família isolada, mas uma família conectada com a sociedade. Não mais uma família centrada na autoridade paterna, mas em relações de reciprocidade e diálogo entre os sujeitos que a compõem. Não mais uma família ilhada da sociedade, mas em conexão direta com os problemas da comunidade local, da nação e do planeta. A família, a comunidade e a sociedade, esferas constitutivas da vida coletiva, poderão encontrar seus modos mais equilibrados de existência e de relação, sem

que uma esfera traga a outra. A função social da casa está sendo refeita em caráter de urgência e busca seus rumos. Uma nova relação entre a casa e a rua pode estar em construção. Se o mundo não será mais o mesmo depois da pandemia, também a casa não o será. Estamos descobrindo que viver em família é possível em uma sincronia de hábitos e de agenda imposta pelo isolamento.

Como viver de novo em família? Como redescobrir os papéis de filhos e de pais em outro mundo diferente do individualismo e do isolamento? Qual o lugar da economia doméstica na cultura de consumo? Como viver a era pós-consumismo voltados para os bens necessários, sem as vitrines das lojas e dos rituais de contemplação e de compras? Como equilibrar as jornadas de trabalho com o tempo de descanso e de vida doméstica? Como viver a fé religiosa no âmbito familiar, sem perder a dimensão comunitária? É possível usar as tecnologias da informação transformando as informações em conhecimento com as aulas a distância? O próximo e o distante se encontram em uma nova simbiose diferente e, talvez, possa nos jogar para a frente, na construção de um outro modo de viver. A volta para a casa nos levará para outro mundo possível?

Impactos e medos

Os seres vivos fogem da morte. Os seres humanos temem a morte e buscam os meios racionais e irracionais de afastá-la. A pandemia traz em seu próprio conceito o medo. Os números das vítimas fatais e dos contaminados pelo Covid-19 ainda estão sendo contabilizados e qualquer menção nesse momento será desatualizada no minuto seguinte. Embora os números não sejam alarmantes, se comparados aos de outras pandemias, os impactos superam as gripes comuns, sobretudo nas pessoas consideradas grupo de riscos. As características do Covid-19 complicam o tratamento da virose pelas decorrências respiratórias que exigem o uso de respiradores artificiais. E, uma vez que esse recurso é insuficiente nos sistemas de socorro disponíveis nos hospitais, isso

provoca o saturamento dos leitos e conduz a um número expressivo de mortes daqueles que chegam nessa fase da doença. Resultado: números expressivos de mortes em países com sistema de saúde pública frágil ou inexistente, principalmente da população mais pobre, que não tem acesso às UTIs, além de exposição pública dos governos ao mundo conectado pelas mídias. A tendência mundial de privatização da saúde escreve silenciosamente (covardemente) esse drama mundial.

Como consequência imediata, os impactos econômicos já são previstos. O PIB global poderá encolher 0,9%, em vez de crescer os 2,5% projetados. Os índices estarão em queda em todos os países. As bolsas de valores, termômetro do capitalismo que comanda o mundo, têm recuado sobretudo em países periféricos como o Brasil. Os governos dos diversos países desencadearam suas políticas bilionárias de socorro ao mercado. O mundo vivencia a insegurança e o medo em relação ao presente e ao futuro.

Os dados expostos como número e como cenas dramáticas pelo mundo afora expuseram os perigos do novo vírus a todos os que ainda acreditam em censos oficiais e em imagens televisivas. O fato mais

curioso é que uma leitura cética de alcance expressivo na população coloca em dúvida tudo isso, embora não ofereça nem dados alternativos nem fontes confiáveis em apoio às incertezas. A digestão política da pandemia chegou à esfera das alucinações em nosso país. O vírus invisível foi lido como construção de um outro inimigo invisível a ser desmascarado por alguns profetas da verdade. Esse imaginário hilariante parece compor bem a psicologia coletiva do medo, quando pânico e imprudência se alternam como estratégias de enfrentamento do perigo iminente.

A pandemia inesperada se impõe como fato bem explicado pelas ciências. O mundo pode acompanhar passo a passo a sua evolução e assistir, na reclusão das residências, ao drama dos países que perderam o controle das medidas de socorro médico e, até, do sepultamento das vítimas. Por certo, sem relativizar os fatos, essa pandemia não teria o mesmo impacto social e político se não contasse com a ampla cobertura das mídias mundializadas. Foi nesse sentido, para o bem ou para o mal, uma pandemia midiática. Se nas epidemias antigas as narrativas populares, os conselhos distantes dos médicos e os sermões ditavam os rumos vagos das

compreensões populares, ao sabor do “acredite no que quiser” e, por fim, no “salve-se quem puder”, as narrativas atuais, veiculadas pelas mídias, colocou no centro a explicação das ciências, a contemporaneidade dos fatos e as experiências bem-sucedidas dos países no controle do contágio. Inevitavelmente, as mídias informaram e interpretaram os fatos, produzindo como efeito, ao mesmo tempo, reações mais racionais ou emocionais, o controle e o medo.

Uma epidemia definida como *pandemia* significa, por si mesma, o anúncio de um perigo e, por conseguinte, a necessidade de temor, se não como sentimento paralisante, ao menos como estratégia de precaução. E, nas reações massivas, o medo adquire as mais variadas expressões, como a angústia pelo incerto e até o pânico pelo assombroso, medo desproporcional à real dimensão do perigo. Não faltam relatos de gripes psicológicas, com todos os sintomas previstos do Covid-19, e, até mesmo, de suicídios como antecipação da morte inevitável que se aproximava.

A fuga e o isolamento já foram praticados no passado como saídas para o contágio de epidemias. Há relatos de fugas em massa das cidades, nas sucessivas

levas da peste negra na Europa do século XIV ao XVII. O isolamento em casa foi também praticado como estratégia deduzida da observação espontânea sobre o contágio da doença.

Perante uma pandemia, o medo e a fuga são mecanismos naturais que expressam antes de tudo o instinto animal da sobrevivência. Fugir do perigo faz parte de nossa natureza e, nesse sentido, também o sentimento de medo. Sendo a pandemia um risco de vida para a população, os mecanismos de fuga se mostram como necessários, a não ser que se construa uma leitura que negue o próprio perigo, como de fato alguns grupos têm feito por motivos estranhos. O filósofo Hans Jonas fala de uma “heurística do medo” como postura necessária para a construção ética da convivência humana planetária. O pensador que escapou do holocausto pensa no medo como postura que pode prevenir a banalização do perigo e construir as estratégias políticas para evitar catástrofes.

O medo do Covid-19 esteve, assim, associado à convicção sobre a letalidade do vírus. A grande maioria da população mundial assim se comportou. Sobre o medo da morte e, muitas vezes, contra ele se contrapôs o medo

da crise econômica. O conflito foi estampado como dilema – falso ou verdadeiro, a depender de pressupostos éticos – entre dois medos: o da morte ou da falência. Não faltou quem afirmasse que a economia é um valor superior à vida, sobretudo à vida dos mais idosos que já se aproxima naturalmente da morte. Afinal, a morte por coronavírus não seria sequer tão expressiva do ponto de vista numérico, enquanto o impacto negativo nos números econômico-financeiros muito mais catastrófico. Marx talvez dissesse hoje: um fantasma ronda o mundo, o fantasma da crise do capitalismo. A fome foi anunciada aos pobres como fantasma que pode chegar com a crise econômica. É melhor enfrentar os riscos da morte física do que ser responsável pela fome generalizada.

A crise dentro da crise, dentro da crise

A compreensão da pandemia como crise predominou nas interpretações e nas expectativas e prognósticos sobre o que virá depois dela. A crise configura-se nas diversas esferas ou dimensões, indo do planetário a cada experiência individual. A experiência pessoal de uma ruptura brusca, imposta como necessidade de proteção individual e coletiva, é sem precedentes. Jamais imaginávamos que um dia vivenciaríamos uma experiência desse tipo. Contudo, para muitos analistas, é preciso ressaltar que, em termos econômicos e políticos, a crise precipitada pela pandemia não se configura como grande novidade, mas, ao contrário, expõe, de forma

amplificada e dramática, uma crise que já se encontrava em curso pelo planeta afora.

O regime globalizado do capital improdutivo, ou seja, do dinheiro aplicado que gera dinheiro por meio da máquina do mercado financeiro, empurrava o planeta cada vez mais para limites insuperáveis. O afunilamento dos donos do dinheiro mundial no topo da riqueza mundial, o empobrecimento dos países e a construção de uma massa de pobres e miseráveis, sem trabalho e sem condições de subsistência, já haviam desenhado uma conjuntura mundial, mesmo que escondida sob as práticas de consumo, sempre oferecedoras de felicidade imediata. A crise política do modelo de democracia liberal pelo planeta afora, cedendo lugar a projetos e regimes de governo autoritários, revela o outro lado da crise mundial. O fim do chamado estado de bem-estar social, ou seja, da exigência de que o estado cuide dos seus cidadãos, é a consequência que nasce das duas crises. O Estado se apresentou cada vez mais como mais uma empresa que deveria ser bem-sucedida e lucrativa como todas as que quiserem sobreviver dentro da dinâmica do mercado mundializado.

Essa crise recepcionou e revelou-se, em sua máxima contradição, com a chegada do minúsculo vírus que se

globalizou em poucas semanas. O Covid-19 teve uma função desveladora do que se encontrava em curso e mostrou a todos as fragilidades do modelo econômico e dos governos de filosofia neoliberal e ultraliberal, como no caso do Brasil. Uma crise sobre outra crise ou uma crise dentro de outra crise.

No caso do Brasil, podemos dizer que se trata de uma crise em três camadas. A crise mundial da pandemia, a crise mundial dos regimes econômico e político e a crise política do governo atual. Também no nosso caso, a pandemia revelou no dia a dia as contradições do governo. Não vem ao caso recordar as contradições do processo que conduziu Jair Messias Bolsonaro ao poder, mas apenas a composição do governo que, no curso da pandemia, mostrou suas fragmentações. As crises do governo vieram à tona, à medida que a pandemia exigia posicionamentos urgentes. Essas contradições expuseram as divergências políticas de fundo da equipe, assim como entre os três poderes.

A interpretação da pandemia e, por conseguinte, as medidas a serem adotadas denunciaram a cada dia os modos distintos dos políticos e membros do governo perceberem a gravidade dos fatos. Vale mencionar

esquemáticamente as crises que sucumbiram às possibilidades de saída e geraram rupturas: a) entre os poderes: executivo e legislativo, STF e o executivo, presidente e ministros, presidente e governadores; b) entre leituras sobre a pandemia: aquela baseada nas ciências e associações de saúde e a do presidente e de alguns ministros que negavam a gravidade da mesma ou até mesmo a existência da mesma; c) entre a visão/critério econômico e a visão/critério ético-científico na gestão do processo de isolamento social; d) entre as concepções neoliberal e social do Estado/governo; e) entre o projeto de poder defendido pelo presidente e os projetos de outros candidatos integrantes da roda dos poderes atuais. Ministros foram exonerados. As bases de apoio do governo se reconfiguraram. A equipe foi se dissolvendo. Ainda que a gripezinha não fosse verdadeira do ponto de vista sanitário, tornou-se uma gripezona para o governo. Essas contradições se tornaram confronto explícito, na medida em que o presidente sustentava leituras e posturas pouco consensuais sobre a pandemia.

Por aqui, a crise mundial se tornou uma crise ainda mais aguda, que as noites de reclusão acompanhavam com atenção e tensão redobradas. O que restará do governo depois da pandemia?

SIGNIFICADOS DA PANDEMIA

A realidade e as fantasias

*Ai dos que dizem que o mal é bem e o bem é mal,
dos que transformam as trevas em luz e a luz em trevas,
dos que mudam o amargo em doce e o doce em amargo!*

(Is 5,20)

As interpretações do coronavírus

Somos testemunhas e protagonistas de um momento original da história da humanidade. Narraremos às gerações futuras a experiência de “uma pandemia globalizada” no pleno sentido do termo e, talvez, de uma guinada na história, após o controle certo do vírus, a crise econômica inevitável e o futuro incerto. A pandemia assusta como todas as epidemias de ontem e de sempre, mas termina assimilada biologicamente pelo contágio natural ou, na era das ciências, pela imunização realizada por meio das vacinas. Contudo, o drama humano do episódio permanecerá na memória com suas dores e até com seus traumas. O mundo por certo não será mais o mesmo após o primeiro semestre dos anos vinte. Dirão

no futuro que, naqueles dias, a humanidade olhou para si mesma, ficou pasmada com o inédito e, em algum momento, pensou sobre os rumos da vida planetarizada.

Os significados de um fato como este que vivenciamos são muitos e, na sociedade da informação, adquirem dinâmicas próprias, seja pela pluralidade de leituras veiculadas, seja pela agilidade e pelos efeitos diretos nas bolhas sociais constituídas pelas redes de comunicação. Os conflitos de interpretação estiveram o tempo todo evidentes nas mídias e nas mentes. Como não pensar sobre um fato tão inesperado? E, como em tudo que é inédito, as ofertas de leituras, de verdades e de soluções, estão sempre presentes, também nas formas mais inéditas. A vida de cada indivíduo mundialmente conectado está afetada por uma ou outra leitura sobre a pandemia. Ninguém fica isento dos efeitos sociais, políticos, religiosos e éticos das informações que circulam em grande volume e com velocidade espetacular.

As muitas interpretações feitas sobre a pandemia revelam as diferentes percepções de mundo que afloram em momentos de crise, das mais sensatas às mais exóticas. Elas rompem com uma relativa regularidade hermenêutica que dispensa ou camufla as leituras

mais radicais que peitam os consensos: a começar pelas que afirmam a inexistência de uma pandemia até aquelas que buscam causas e intervenções religiosas, passando pelas que enxergam na crise uma vingança da natureza ou uma natural purificação da espécie. A população mundialmente conectada pelas redes sociais esteve exposta, ao mesmo tempo, às vozes medíocres e às mentiras, às informações dos fatos em tempo real, às orientações médicas e às ofertas de significados do drama que se ia desenhando.

As leituras das ciências estiveram, evidentemente, no comando das interpretações. No século XIV, quando a peste negra matou quase metade da população da Europa, a leitura predominante era a religiosa: a pandemia tinha uma causa sobrenatural e, por conseguinte, uma solução ritual. A ciência da época patinava entre o religioso e o cósmico por não dispor de instrumentos capazes de visualizar os micro-organismos, de expor as causas reais e, por consequência, de intervir com eficácia sobre os efeitos. Hoje, felizmente, temos posse desses conhecimentos e, rapidamente, os colocamos em ação. O mundo está pautado nas ciências, desde os estudos detalhados do vírus até as estratégias de controle estatístico da evolução do contágio. Embora as ciências não

resolvam tudo, oferecem ferramenta indispensável para os poderes intervirem na epidemia, na busca de medidas que minimizem ou até mesmo evitem seus efeitos.

Contudo, as interpretações religiosas ainda persistem paralelas às ciências, quando não ocupando o lugar delas. Não têm faltado leituras semelhantes àquelas do século XIV que colocam como causa do vírus Deus ou o diabo e, por conseguinte, oferecem rituais de solução: cultos, unção com óleo, novenas, correntes de oração, crucifixo na porta, água benta aspergida na rua, procissão com o Santíssimo Sacramento. Ninguém duvida do apelo popular dessas estratégicas nem do poder das definições religiosas. As religiões populares de diversas matrizes lançam mão de interpretações sobrenaturais e de rituais de intervenção na natureza, sobretudo nos tempos de crise.

Mas vale logo a introdução de um critério teológico perante as leituras religiosas. A fé judeo-cristã e a boa teologia exigem que desvinculemos Deus das causas imediatas dos fenômenos naturais e que busquemos o sentido das contingências inevitáveis da vida, da dor, do sofrimento e da morte no horizonte pascal da vida que vence a morte, da empatia que rompe com o isolamento e da solidariedade que supera os individualismos. Exi-

gem também que procuremos na ciência a orientação para os enfrentamentos das doenças, evitando a tentação de transformar milagrosamente as pedras em pão. Em nome da verdade da fé e da razão, não podemos reproduzir as leituras mágicas da realidade, mesmo que utilizando os símbolos mais sagrados da tradição cristã. A fé oferece sentido constante para as coisas que têm solução e para as coisas que não têm solução. “Ela *“é uma posse antecipada do que se espera,* um meio de demonstrar as realidades que não se veem” (Hb 11,1) e não a posse mágica da natureza e a solução do que a ciência não soluciona. As explicações e os controles dos mecanismos da natureza são da ordem das ciências. O sentido de todo o conjunto da vida, em qualquer circunstância, pertence à fé. Quem pode dominar o coronavírus são as ciências. Quem nos ajuda a enfrentar a crise e a avançar olhando para a frente com esperança é a fé. O coronavírus seguirá seu ciclo regular e natural. Os grupos de risco e os pobres morrerão em maior número. A ciência vai controlar o contágio pelo vírus o quanto for possível. A fé vai alimentar nossa resistência, ajudar a superar nossos individualismos e a ativar nossa misericórdia para com os que sofrem.

A ciência do coronavírus

O microbiologista holandês Martinus Beijerinck descobriu o vírus e assim o batizou (termo emprestado da palavra que designava *veneno* em latim) em 1898. A descoberta foi feita por meio de uma experiência que detectou esse agente infeccioso, diferente e menor que as bactérias, porém, sem ainda ser visualizado e explicado em sua estrutura. De lá para cá, existe uma história de investigações e conclusões sobre o vírus que veio compor uma ciência própria, a *virologia*, e que oferece não somente os meios de controle através das vacinas, como também um vasto campo de classificação das estruturas e do funcionamento desses minúsculos agentes parasitários atuantes dentro das células vivas. Hoje, as ciências do vírus o conhecem bem e, com os

microscópios eletrônicos, conseguem visualizá-lo com precisão. Pesquisadores brasileiros já conseguiram observar o momento exato em que o Covid-19 entra em uma célula viva e começa a sua ação infecciosa. Esse universo científico é bem explicado pelos estudiosos do assunto e relativamente bem conhecido por aqueles que passaram por uma iniciação básica às ciências ou que prestam atenção nas informações que circulam em grande volume pelas mídias. A epidemia do coronavírus foi, nesse sentido, uma oportunidade de aprendizado sobre esse vírus que se espalhou pelo planeta, provocando o maior colapso mundial. Por certo, sabemos hoje mais de vírus do que antes da crise.

De fato, a ciência do coronavírus deu os rumos das explicações e das estratégias de controle da pandemia em todo o mundo. As possibilidades de monitoramento da pandemia em tempo real e as trocas de informações entre as pesquisas em ação sobre o comportamento do vírus ofereceram, com certeza, um foro rico de construção permanente das ciências, sobretudo das farmacologias que auxiliam no tratamento da infecção. Para além de iluminismos científicos messiânicos, é preciso reconhecer que as ciências direcionaram mundialmente

as explicações e as estratégias de controle da pandemia. Elas explicaram, mediram a evolução, traçaram estratégias, socorreram com medicamentos etc. Isso não é tudo porque a dor e o sofrimento não têm soluções científicas, mas é o porto seguro para não nos perdermos na escuridão das opiniões travestidas de verdades.

No entanto, nesse tempo de pandemia não faltaram leituras pré-científicas sobre o vírus e seus efeitos, bem como sobre as formas de controle. As mídias e as redes sociais se encarregaram de divulgá-las exaustivamente. E, como tudo que cai nas redes é reproduzido sem critérios de verificação, verdades e mentiras se misturam e se confundem. Algumas leituras se enquadram no gênero chacota. Outras se legitimam como verdade científica e outras ainda se inscrevem na dinâmica do discurso ideológico, caso emblemático das afirmações do presidente do Brasil.

A chacota mais curiosa circulada nas redes sociais é a de uma senhora que matou um coronavírus com o chinelo. A narrativa é bastante curiosa por revelar o encontro da cultura midiática com a cultura popular, mistura confusa que mostra o modo ingênuo de o povo sem conhecimento escolar interpretar os fatos.

A matadora do vírus descreveu o fato com toda clareza: viu o retrato do vírus na televisão => viu uma espécie idêntica no chão => aplicou o golpe do chinelo. É importante perceber a observação empírica funcionando por dentro da fantasia da senhorinha: observação da forma do vírus pelos desenhos estilizados veiculados dia e noite nas TVs => memorização da imagem => comparação => conclusão. Não há lugar para dúvidas no processo cognitivo da senhora simples. Ela matou o que viu e reconheceu! Nessa interpretação não há lugar para crença, apenas para a constatação. Trata-se de uma mente popular operando com os conhecimentos recebidos e com as possibilidades de recepção que possui.

Outras leituras ingênuas entraram em ação. A mais visível socialmente foi, sem dúvidas, a de cunho mágico-religioso. Com diferentes símbolos e narrativas, atribuíram-se uma origem e, por conseguinte, um controle da pandemia pelas vias do sobrenatural. Na origem do coronavírus e de sua expansão estariam Deus ou o diabo e, por meio de orações e rituais, seria possível contribuir com o controle da infecção. As tendências cristãs pentecostais, evangélicas e católicas, protagonizaram essa leitura por meio de pregações e de discursos

diretamente alinhados aos do presidente da República, que minimizavam os efeitos do vírus. Para ambos, o vírus não tinha o poder letal exposto pelas ciências. Deus é grande, e o vírus é pequeno. Deus está no comando e pode controlar a epidemia. A leitura mágico-religiosa pode ser sincera ou ideológica. No primeiro caso se acredita de algum modo na explicação e na intervenção religiosa. No segundo, se usa da religião para justificar outras razões para reunir os fiéis.

É precisamente essa leitura ideológica que reproduz o terceiro discurso pré-científico sobre a pandemia. Para essa leitura, interessa relativizar, se não desprezar a ciência em nome de interesses econômicos, publicamente confessados. A crise econômica que se anuncia exige relativizar o que diz a ciência. A afirmação de que o vírus não é mais que uma “gripezinha” de autoria do mandatário maior viralizou na boca de seus apoiadores. Em pleno isolamento social, manifestantes bolsonaristas, na Avenida Paulista, repetiam que a pandemia era uma armação para prejudicar o governo, que o vírus não era perigoso e que a pandemia não existia. Essa leitura é francamente ideológica: narra sua intenção imediata, que é a defesa de um projeto de poder do governo atual.

Mas ela é ideológica por esconder a ciência em nome de uma suposta verdade política que estaria conspirando mundial e nacionalmente contra o governo. E, chegaram ao extremo da fantasia ideológica, quando atribuíram à China a fabricação do vírus, por interesses tanto econômicos quanto de dominar o mundo com seu comunismo. Tudo não passa de *cons-piração!* Conspiração mundial contra um projeto encarnado pelo Messias Bolsonaro. *Piração* local de fanáticos que conhecem as ciências, mas as dispensam em nome de um projeto salvador da pátria. O projeto de poder em curso é de tal grandeza que uma conspiração mundial que inclui um vírus se elevou contra ele. Uma verdadeira guerra de poderes sobrenaturais estaria em andamento na conjuntura nacional atual.

A primeira leitura pré-científica do assassinato do vírus é empírica, feita pela observação, identificação e decisão coerente de matar o bichinho visto no chão. A última é fantasiosa e autocentrada; muda o mundo em função de esquemas mentais fixos e entende que esse mundo gira em torno do governo atual. A pandemia é uma estratégia para melar o governo atual. É também uma leitura maldosa em vários aspectos: semeia o ceticismo sobre a ciência em nome de uma outra suposta

verdade, troca a ciência por outra verdade que não se demonstra, afirma certos dados de realidade e de intervenção médica sem a devida prova científica, relativiza os discursos das ciências e o valor ético da vida em nome de interesses econômicos, propaga uma leitura socialmente perigosa para a saúde da população. A primeira leitura é ingênua, sincera e sem perigos; transforma a fantasia em perigo real e o elimina. A última é perigosa, por transformar o perigo em fantasia. A primeira nos faz rir. A última nos faz temer.

A pandemia econômica

A constatação de que a pandemia nos empurrou para uma grande crise sem precedentes parece ser um consenso mundial. E não se trata apenas da crise sanitária imediata que colocou as populações em situação de risco e provocou pânico e sofrimento. Essa crise foi exposta nos números e estampada pelas mídias nas cenas dos hospitais lotados, dos entubados e dos mortos amontoados. Foi, por essa razão, vivenciada como realidade concreta do perigo que ronda, mas também como imagem que assombra, fazendo emergir o arquétipo de mal invisível que habita lá fora e pode a qualquer momento nos surpreender com sua letalidade. A crise iminente que se anuncia é a pós-pandemia. É do medo dessa crise econômica mundial da economia globalizada, bem encaixada

nos blocos econômicos, comandada pelos aplicadores financeiros e dinamizada pela cultura de consumo, que surgiram as estratégias de socorro dos governos, não somente direcionadas às empresas, mas também às pessoas de baixa renda. A economia de mercado não pode parar mais do que já parou. O socorro às vítimas do coronavírus e aos pobres, agora miserabilizados, se inscreve não somente nas políticas sociais dos Estados, políticas retomadas contra o credo neoliberal, mas também na própria estratégia de fortalecimento do comércio, de manutenção de um consumo mínimo. O fato é que a crise que se anuncia ainda não revelou sua realidade concreta e suas exigências. Ela já mostra suas previsões nas taxas de crescimento econômico e faz editar conselhos do FMI, de especialistas em mercado e de outras entidades comerciais. O mundo e os governos devem tomar medidas para evitar uma recessão econômica.

Esse pânico sobre o futuro da economia mundial tem seu epicentro natural nos donos do capital financeiro, ou seja, no poder que comanda o mundo sob todos os aspectos. Trata-se do medo do fim de um modelo que vem vigorando já em crise e que se estabelece a partir do Norte do planeta. Mas o pânico da crise precisa ser

anunciado como apocalipse, tanto para o Norte quanto para o Sul, tanto para os pobres quanto para os ricos, embora seus impactos sejam, evidentemente, diferenciados nesses distintos territórios econômicos e sociais. Os gritos estridentes de empresários e governos sobre a quebraadeira geral, sobre a fome e a miséria se inscrevem, nesse sentido, na lógica dos discursos ideológicos que visam defender os interesses dos donos do dinheiro e não de um discurso ético-político que tem por objetivo precaver o caos social e o aumento da pobreza. A ideia de que a economia não pode parar e, portanto, os trabalhadores não podem parar e, por conseguinte, o isolamento social deve ser evitado, ponderado, escalonado etc., esteve na pauta de alguns governos nacionais e locais. No caso do Brasil, foi um refrão que não se ausentou da boca do presidente, mesmo quando o próprio ministro da saúde dava outras coordenadas. E persistiu, de fato, como convicção inabalável que levou à exoneração do mesmo ministro sem qualquer avaliação técnica de seu trabalho em plena pandemia. A rota política tinha que ser modificada em função das “convicções” do presidente.

O critério de julgamento da crise tem sido, no fundo, econômico. Os governos não têm outros olhos que não esse.

Chegaram ao poder com a missão de salvar o mercado local da crise já em curso, de garantir a hegemonia do capital internacional em seus países, de enxugar os Estados de seus custos sociais, de proteger as economias locais dos assaltantes estrangeiros e de aquecer o consumo local criando condições para o funcionamento das empresas. E não se trata de acusar os governos de insensíveis e cruéis. São homens que se emocionam e têm medo da morte. Ao menos aqueles que são normais reagem desse modo, diante do sofrimento e do perigo. Trata-se, na verdade, de perceber qual a lógica política que se encontra em curso, qual projeto político (econômico) os governos hoje pilotam pelo planeta afora. Essa é a razão do mundo. O modo de produzir riquezas em todas as frentes, a indústria e o comércio mundial e local reproduzem em suas esferas de atuação esse sistema global e participam de seus destinos ontem e hoje. E vale lembrar que, dentro desse sistema, todos se encontram inseridos e, em alguma medida, todos participam de sua lógica e de seus medos neste momento. Os pequenos comerciantes, os trabalhadores formais e até mesmo informais, as escolas e as igrejas, o lazer e a saúde, a gastronomia e a arte são fretes encaixados na dinâmica do capital mundial, que dita os rumos do planeta nos cassinos das bolsas de valores.

A pandemia expõe os limites da lógica econômica de orientação neoliberal, mas não traz consigo novas soluções e estratégias que permitam desviar a rota em curso ou edificar um novo modelo. A cartilha em uso é a econômica e não outra. E a maioria delas ainda visa salvar o modelo neoliberal cujas contradições foram expostas ao vexame público. O dia seguinte da pandemia que já começa a se descortinar como um longo amanhecer começará a escrever os rumos de um retorno à lógica consolidada do capital improdutivo ou de um outro modo de conduzir a economia em nome da vida de todos.

A pandemia e o outro mundo

As leituras religiosas das mais variadas procedências e matrizes coincidem numa postura básica: a afirmação da origem sobrenatural dos fenômenos naturais e o controle desses por meio de alguma ritualidade. De maneira mais escancarada ou mais sutil, muitas igrejas reproduzem essa percepção em suas pregações e ações. Na atual pandemia, essas posturas têm sido visíveis e têm ocupado espaço nas telemídias e nas redes sociais. Algumas vezes, elas tomam o lugar da ciência, chegando a ignorar as explicações cientificamente demonstradas, afirmando-se como uma visão verdadeira e segura por falar em nome de Deus. Outras vezes, correm no paralelo: uma espécie de bolha religiosa que opera com códigos religiosos, sem considerar o que dizem as ciências. Nessa

pandemia, não faltou quem afirmasse que na igreja o vírus não era transmitido. Os líderes e os fiéis sabem de onde vem um vírus, que tipo de “bicho” é ele, como ele é transmitido, mas repetem velhos rituais de domínio das forças da natureza, por meio das mais variadas expressões: orações, unções, bênçãos etc. Aqui as tradições vão recuperando seus recursos clássicos: os pentecostais recorrem à Bíblia e dela retiram palavras mágicas, capazes de enfrentar o vírus, os católicos recuperam a força das bênçãos, das imagens e das devoções.

Não parece haver dúvidas para os estudiosos do assunto de que religião é sempre a força dos fracos e a construção de um ponto de apoio para a precariedade da vida. E, precisamente por isso, em tempos de crise as buscas por explicação e solução religiosas se tornam mais visíveis no espaço público e gozam de maior demanda. O outro mundo vem em socorro desse mundo caótico. Os líderes religiosos fazem a mediação como portadores de poderes sagrados. A religião torna-se solução.

Em tempos de normalidade, essa postura não revela sua fragilidade, embora persista nas visões e práticas religiosas predominantes nas várias tradições cristãs. Em meio à pandemia ela é, contudo, colocada à prova.

O coronavírus trouxe à tona a interrogação: os rituais podem realmente curar? Para muitas igrejas persiste a pergunta: a prosperidade vem de Deus e a doença do demônio? Só morreram os que não têm fé? Colocou também em questão a segurança da frequência aos cultos. E a questão posta pelo presidente da República permaneceu no silêncio da ignorância ou do medo do sacrilégio: os cultos religiosos são serviços essenciais?

Toda grande crise levanta a dúvida sobre a percepção de um Deus todo-poderoso e sempre pronto a intervir na natureza e na história. No entanto, o grito das vítimas que sucumbem sem socorro nega essa visão divina. Exige que se repense a natureza de Deus, sob pena de transformá-lo em um ser insensível ou em um Pai surdo ou sádico. É nessa zona de desconforto religioso radical que entra em cena o Deus de Jó, o Deus de Jesus crucificado, o Deus das vítimas de violência. Deus sofre com as vítimas. O Deus de Jesus é o Deus crucificado na cruz; é carne na carne que sofre, fome na fome que clama, frio no corpo que congela, caminhante no refugiado que atravessa as fronteiras. A encarnação do Verbo de Deus superou as ideias abstratas do divino, as teologias do todo-poderoso, os rituais de manipulação

das forças divinas. A cruz ensina que o silêncio divino se torna grito precisamente no grito do sofredor e que a vida brota de dentro da morte e não como força que vem de fora, rompendo com as leis da natureza e interferindo nas escolhas humanas. O Deus cristão é amor e não poder, é misericórdia e não domínio; é amor que acontece na relação livre do eu e do tu e não imposição do divino sobre a autonomia do mundo; é misericórdia que convida para a empatia e a solidariedade e não solução mágica para os empecilhos da vida.

O coronavírus segue seu curso com ou sem religião. Ateus e crentes serão contaminados da mesma forma. Nossa fé clama por outro mundo possível: por uma casa comum capaz de abrigar a todos em condições mais iguais, antecipando a comunhão definitiva, assim na terra como no céu.

O vírus verde e amarelo

A pandemia mundial se abraçou, assim como o vírus que passa de uma fase de contágio externo para contágio comunitário, em que adquire dinâmicas próprias em seus processos regulares de mutação. Aqui, a pandemia adquiriu características típicas, dignas de literatura folclórica. O agente infeccioso vindo de fora foi apropriado politicamente e submetido a leituras originais e, evidentemente, perigosas. As leituras religiosas com muita frequência indicam, ao mesmo tempo, a tendência do senso demográfico nacional que mostra o número expressivo de adeptos dos pentecostais e uma inclinação recorrente do espírito humano de apelar para explicações e soluções divinas em momentos de grande crise. Junto dessas, perfilam aquelas leituras

não menos encantadas, que transferem para forças externas malignas a origem do vírus. Ambas relativizam ou ignoram as explicações e estratégias emanadas das ciências e apelam para a crença em verdades reveladas por testemunhas inquestionáveis. É quando vale mais a palavra da autoridade portadora dos conhecimentos seguros que a palavra da própria ciência, sempre sujeita a revisões e sempre exposta aos limites de suas previsões e estratégias. A palavra revelada do líder é sempre infalível por conter a verdade que narra a origem e o fim dos fatos e das conjunturas. No caso, a pandemia se enquadra em uma cosmovisão mais ampla que detém os conhecimentos do momento, de seus agentes ocultos e das intencionalidades de todas as leituras, inclusive aquelas feitas pelas ciências. Essa compreensão verdadeira ignora todas as demais e tem a intenção missionária de desvelar suas falácias.

Mas, em termos de abraqueiramento, a pandemia aglutinou em torno do projeto de poder do governo atual uma leva de militantes que, de fato, passou a defender a ideia de uma espécie de conspiração universal maquinada por inimigos do governo sob o signo da chamada pandemia. A interpretação dos riscos de contágio

oferecida pelas ciências nos quadrantes do planeta e, por conseguinte, a adoção da estratégia do isolamento social se inscreveriam nesse plano maquiavélico de prejudicar o governo atual. Vestidos de verde-amarelo, turbas de militantes ocuparam as ruas em muitas cidades brasileiras; gritaram profeticamente contra a maquinação montada contra o governo pelos comunistas, dentre os quais incluíam a poderosa Rede Globo; afirmaram a falsidade dos números de contaminados e dos leitos ocupados dos hospitais; convocaram a população à volta ao trabalho e os comerciantes a abrirem suas lojas; desafiaram as orientações do isolamento social com aglutinações numerosas e, para completar a cena verde e amarela, gritaram a volta da ditadura, o fechamento do Congresso e do Supremo Tribunal Federal.

O vírus verde e amarelo desbancou com vigor o Covid-19 e as interpretações das ciências e da Organização Mundial da Saúde. A falsa pandemia conspira contra Bolsonaro e contra a pátria amada. Uma grande invenção foi projetada para prejudicar o Messias da nação. Como em toda percepção lendária e ingênua, o mundo gira em torno da localidade. As tribos se entendem como o centro do mundo e os demais que estão de

fora de seus limites localizados compõem o caos. Aqui, no governo Bolsonaro, localiza-se o centro do mundo – *axis mundi* – e desde esse centro, se explica tudo o que venha a acontecer, mesmo que se trate de um fenômeno natural como uma pandemia. Desde esse centro que detém a narrativa da única verdade deve decidir sobre a origem real do vírus (fabricado na China e divulgado pela Globo), sobre os números reais da contaminação e de mortes e sobre os rumos corretos das políticas de saúde. Aqui no Brasil a nação verde-amarelo, posicionada contra todos os vermelhos escondidos pelo mundo afora, detém a verdade sobre o coronavírus, ainda que na contramão do resto do mundo.

A verdade proveniente da palavra revelada pelo líder infalível desbanca todas as demais leituras, sempre falsas e conspiradoras. E os adeptos do isolamento social não passariam de inocentes úteis da grande maquinação; ignorantes a serem convertidos ao credo verdadeiro da salvação da pátria amada.

O Brasil não pode parar porque o governo não pode correr o risco de fracassar. As manifestações se mostraram ainda mais mágicas ao adotarem o ritual religioso do desagravo, posicionando-se em frente a

grandes hospitais de São Paulo, que serviriam, segundo creem, de cenário para a grande encenação da pandemia, sob o comando de Lúcifer, dissidente expulso do céu, o governador de São Paulo.

A fase pós-pandemia vai nos mostrar o destino do coronavírus, que sucumbirá certamente com a próxima vacina de gripe. Esse horizonte é seguro e todos usufruirão dos resultados da pesquisa científica. O mais letal dos vírus terá o mesmo destino dos demais vírus. O vírus político verde-amarelo seguirá seu curso por um tempo indeterminado de contaminação e mutação comunitária.

Discursos afinados

Os discursos procedentes de sujeitos e territórios distintos podem ser afinados ou desafinados uns com os outros, assim como os instrumentos de um conjunto. Os instrumentos se afinam no tom e na peça musical comum. Os discursos sobre assuntos diferentes nem sempre se revelam harmonizados. Ao contrário, podem provocar dissonâncias, uma vez que portam objetivos e linguagens distintas. Neste tempo de pandemia, temos assistido a afinações discursivas originais, afinações curiosas, ao menos em princípio. Alguns discursos puramente religiosos têm se afinado com alguns discursos puramente políticos. Portanto, tons e peças distintos, ou, ao menos aparentemente distintos, têm tocado de modo bastante apurado seus enredos musicais. E, para

quem dispensa atenção aos conteúdos discursivos, bastam as imagens veiculadas pelas mídias. Quais são esses discursos? O discurso religioso que minimiza o risco do coronavírus e o discurso político que minimiza igualmente o perigo do mesmo. O primeiro minimiza em nome do poder de Deus, já que Deus é compreendido como a causa imediata do que acontece na natureza e na história e, por conseguinte, está pronto a defender os que têm fé da ação letal do vírus. O segundo minimiza em nome de um projeto político em curso, por entender que o isolamento social conduziria a uma crise econômica inevitável e, conseqüentemente, a um risco político para o projeto de poder do mandatário maior do país.

A pergunta que brota dessa constatação é sobre a harmonização da religião com a política. Essa pergunta já foi feita e respondida pelo pensador alemão Max Weber, ao observar uma relação de coincidência visível entre protestantismo calvinista e capitalismo. Weber utiliza uma categoria analítica emprestada da química, afinidade eletiva, para analisar essa hipótese em sua famosa obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Afinidade eletiva significa a fusão de dois elementos distintos, no caso da química, e, no caso sociológico, a fusão entre duas

configurações culturais diferentes. Uma configuração religiosa – protestantismo – e uma configuração econômica – capitalismo – teriam tecido vínculos, ou seja, um elemento reforçando a permanência do outro. Haveria uma circularidade entre as duas configurações, de forma que a doutrina teológica do calvinismo protestante e a ética do trabalho e do lucro inerente ao capitalismo se encontraram e se reforçaram mutuamente.

No caso em questão, qual seria a afinidade entre os dois discursos, o dos religiosos e os de Messias Bolsonaro? Alianças políticas à parte, foquemos na afinidade eletiva dos discursos minimizadores do risco do Covid-19. Os discursos são de gramáticas distintas. Um gravita em torno de Deus e clama pela fé. O outro gravita em torno do político e convida à adesão militante. Os dois relativizam o perigo do vírus. Mas o fato é que um reforça o outro, na prática, embora mantenham suas gramáticas distintas.

Afinidades possíveis: ambos ignoram as ciências e afirmam outra causa para o isolamento social; ambos afirmam, portanto, uma causa política para o isolamento; ambos possuem uma metafísica maniqueia que separa a realidade entre o bem e o mal, que têm nomes

imediatos, mas que têm sujeitos mundiais invisíveis que conspiram contra o governo atual; ambos definem o comunismo como mal universal que está solto e do qual não escapa nem mesmo o invisível Covid-19 (produto da China comunista); ambos afirmam que a realidade é comandada por forças exteriores a serem superadas pelo poder de Deus; ambos afirmam que o mundo está sob o comando de forças que se encarnam em sujeitos e instituições que visam prejudicar uma renovação do país. Podemos pensar uma afinidade estruturada em círculos concêntricos. O mais amplo de cunho cosmológico: o mundo é uma realidade comandada diretamente por Deus e conta com a interferência direta do demônio. A segunda esfera é global: o mundo se encontra em crise econômica e política e necessita de um projeto de resgate da verdade, da família, dos governos, da cultura. Os inimigos desse projeto, a modernidade com todos os seus tentáculos e, sobretudo, os comunistas, devem ser eliminados da terra. A esfera seguinte é da política concreta: os governantes escolhidos por Deus são os portadores do poder legítimo de mando e de interpretação verdadeira da realidade. A última esfera: é a do governo atual de Messias Bolsonaro, enviado por Deus para salvar o Brasil de todos os inimigos da fé e da nação.

A pandemia é vista, portanto, por ambos os discursos como um capítulo da história de luta entre o bem (Messias Bolsonaro) e o mal (comunistas). A metafísica maniqueia encarnada no projeto do governo atual separa a verdade política de um governo que se impõe por si mesmo, sem qualquer necessidade de comprovação, da verdade da própria ciência que explica a dinâmica do coronavírus e traça as estratégias de controle de sua expansão. O discurso da “gripezinha” quer salvar a economia para salvar o projeto de poder. O vírus não tem poder, é mesmo uma pequena e impotente gripe, porque Deus está sempre no comando da natureza. Deus oferece não só o amparo metafísico último para o projeto de origem divina, como também um apoio no controle miraculoso da letalidade do vírus. Estamos todos nas mãos de Deus e de Bolsonaro, seu mandatário, bem como acima das ciências. O coronavírus não tem poder!

A pandemia da pós-verdade

A sociedade da informação que hoje vivenciamos não é sinônimo de sociedade do conhecimento. O volume ilimitado de informações que circulam nas redes de comunicação instaura uma espécie de democracia do discurso, em que todos têm direito a manifestar opiniões e a apresentar verdades, sem exigências de filtros e controles editoriais. Dessa dinâmica nem as mídias clássicas parecem escapar. Cada veículo se torna uma fonte de informação que se apresenta como verdadeira e conquista receptores e reprodutores fiéis. Se todo processo comunicativo é, em alguma medida, operado pela fidelidade e pela reprodução, as redes sociais elevam essas posturas à potência máxima. A fé nos discursos recebidos e a reprodução dos mesmos, em escala geométrica, criam

uma realidade que mistura inevitavelmente realidade e fantasia, verdades e falsidades. É quando a informação dispensa o conhecimento.

Nos tempos da pandemia, a dinâmica das informações foi intensificada não somente pelo impacto mundial da expansão do Covid-19, que ocupou incessantemente as pautas dos veículos de informação, mas também por oferecer uma possibilidade de conexão para os “isolados” inaptos à reclusão e ao silêncio. O dilúvio de informações sobre o vírus e seus efeitos em todos os cantos do mundo reproduziu-se por meio das mídias e dos sujeitos, adaptando-se aos interesses de cada qual como oferta da última verdade. É necessário observar que as informações das ciências foram fundamentais para a gestão mundial e local da pandemia, embora estivessem sempre sujeitas às discussões motivadas por interesses econômicos, políticos e religiosos. Com efeito, é possível perceber uma sequência de informações plurais que se debateram entre si como portadoras da verdade mais precisa e que podem ser, esquematicamente, expostas numa gradação que aprofunda a dúvida e a confusão sobre os fatos e seus significados: como diversidade de informações, como dúvidas e como conspiração. Em todas essas etapas, a chamada pós-verdade pode ser surpreendida

como modo de comunicar e, em certa medida, como convicção sincera ou politicamente mal-intencionada.

A diversidade de informação sobre a pandemia repetiu a regra da era das mídias. São inúmeros dados e inúmeras interpretações que circulam ao mesmo tempo sobre os mesmos fatos. Cabe unicamente ao receptor/reprodutor fazer a escolha e o discernimento sobre a veracidade dos mesmos. E, quando se trata de um acontecimento da dimensão dessa pandemia, a diversidade atinge graus fantásticos de criatividade. As redes sociais se tornaram, de fato, o foro das informações mais disparatadas sobre a pandemia. O número de comunicadores dispostos a informar a população é incontável. Além dessas informações, outras, de cunho mais científico, estiveram longe de um consenso. Usar ou não máscaras? Tomar ou não vitamina D? Utilizar ou não álcool em gel? Usar ou não cloroquina? E para colocar mais ingredientes na diversidade de informações, ainda vieram as versões e interpretações dos dados e as estratégias mais adequadas. Sobre o tipo de isolamento social: horizontal ou vertical? Sobre os números de contagiados: a inevitável imprecisão dos dados devido à ausência de testes. Sobre o achatamento da curva de contágio: o isolamento terá produzido seus efeitos? Sobre o pico da pandemia:

em abril, em maio ou em junho? Nessa praça pública, restaram, sem dúvidas, as ciências com seus agentes e organismos como fonte confiável e como fio de prumo para discernimento e condução do processo.

Se a diversidade faz parte das informações democráticas, a dúvida explícita, produzida como clima e como regra, acrescentou sua acidez aos fatos como mais uma dona da verdade. De fato, o paradoxo da dúvida vem de sua própria oferta de verdade. Assim, ela se fez presente nas mídias de um modo geral e foi construída sobretudo por sujeitos politicamente interessados. As interrogações cobriram um arco que foi das versões ao ceticismo mais radical que colocou em questão a própria existência da pandemia. Os números de contaminados e mortos divulgados pelas mídias são verdadeiros ou falsos? O Covid-19 é, de fato, mais letal que outros vírus ou não passa de uma gripezinha? O isolamento social é necessário ou uma estratégia política maquiavélica de alguns governantes? Quem detém a orientação correta, o ministro da saúde ou o presidente da República? O isolamento social produz o efeito desejado ou é um esforço perdido? E, por fim, a interrogação mais radical: há ou não uma pandemia que toma conta do planeta?

Com a intenção de explicar as causas da pandemia, alguns sujeitos, sobretudo no caso do Brasil, levantaram hipóteses de que a pandemia não passou de uma grande armação mundial de sujeitos maldosos, interessados em dominar o planeta com seus projetos políticos. A pandemia seria uma grande conspiração. As redes sociais, muitos movimentos de rua e até ministros de Estado fizeram referências às origens políticas dos fatos, confrontando-se diretamente com os discursos das ciências e com os consensos mundiais. O Covid-19 teria sido fabricado pela China como forma de expandir seus domínios comerciais sobre o mundo. O isolamento social seria uma estratégia política para prejudicar a economia e o governo Bolsonaro. Esse governo estaria sendo sabotado por um grande plano mundial genericamente denominado “comunismo”. O chanceler do governo escreveu um artigo chamando a pandemia de “comunavírus”. Como em toda perspectiva conspiratória, os inimigos são nominados, mas não demonstrados. A realidade é sempre negada por um ceticismo que dispensa demonstração por proceder de uma autoridade delegada a dizer a única verdade.

Essas “versões conspiratórias oficiais” não provocaram desconfortos em membros mais ilustrados do

governo. Em meio aos imensos desafios sanitários e econômicos que demandam análises cuidadosas e precisas fundamentadas nas ciências, discursos baseados em percepções delirantes, sem qualquer vínculo com a realidade, são relevados e assimilados politicamente. As bolhas políticas de apoio ao governo organizadas nas redes sociais representam canteiros férteis que fazem circular as fantasias políticas dos altos mandatários e as fantasias das massas, num frenesi crescente de posicionamentos fanáticos. As máscaras fabricadas na China estariam contaminadas por Covid-19 e deveriam ser evitadas. A Rede Globo estaria manipulando a população em nome de um projeto contrário ao governo. E o próprio isolamento social foi definido como traição à pátria, como coisa de preguiçoso que não quer trabalhar e como irresponsabilidade para com o futuro da economia.

Vivenciamos a pandemia real com seus perigos e a pandemia com seus perigos. A pós-verdade nunca foi tão legítima do ponto de vista político e tão próxima do perigo do ponto de vista sanitário.

O DIA SEGUINTE DA PANDEMIA

O inédito viável

*Eu lhe garanto: Se alguém não nascer de novo,
não poderá ver o reino de Deus*

(Jo 3,3)

O dia em que sairmos da caverna

A alegoria da caverna escrita por Platão encena uma teoria sobre a origem das ideias e da verdade. Os acorrentados na caverna acreditam conhecer a realidade, mas conhecem apenas sombras. Sabemos do recado do filósofo: nossos sentidos nos enganam, produzem opinião e não ciência, porque nos iludem com as coisas sensíveis, sempre individualizadas e passageiras. É preciso ir das sensações imediatas às essências das coisas, às coisas em si mesmas. A posse das ideias constitui a conquista do conhecimento, a possibilidade de irmos da particularidade à universalidade, de alcançar, enfim, a verdade. A filosofia nos ensina a sair das observações imediatas das coisas concretas e singulares, nos liberta

das sensações e das opiniões – *doxa* – e nos eleva até a ciência: *episteme*. Só os que saem da caverna podem contemplar a verdade, mesmo que isso provoque um mal-estar nos olhos acostumados com a escuridão. É preciso ser desacostumado das opiniões confortáveis e fixadas como verdades certas para iniciar o caminho do conhecimento seguro.

As analogias de Platão nos fazem pensar neste momento de reclusão social forçada pelo instinto mais primitivo de fuga do perigo e pela política mais justa de proteção dos indivíduos, de modo especial dos mais vulneráveis. A humanidade estará fazendo a experiência da caverna e da saída em direção ao mais essencial, à verdade fundamental da vida e do bem viver. A prisão caseira está expondo as sombras que achávamos ser verdades seguras e definitivas. E eram muitas essas verdades. Vejamos algumas delas. Acreditávamos que o progresso não poderia parar, que o trabalho faria parte desse processo de acúmulo incessante que, se fosse interrompido, traria imediatamente o caos. Acreditávamos que o sistema da sociedade moderna funcionava automaticamente, como uma espécie de máquina de produção-circulação, de comércio-consumo, de transporte-mobilidade, de trabalho-salário etc. Rezavam os dogmas da economia

neoliberal que o mercado era autossuficiente e não deveria sofrer jamais intervenções estatais e que o estado mínimo era a salvação da falência dos Estados, que deveriam abdicar de suas funções sociais. Alguns governos afirmavam que a segurança consistia em um problema político fundamental e que a construção dos muros salvaria os países dos invasores estrangeiros. A profecia da felicidade centrada no consumo incessante se tornara uma verdade vivenciada pela maioria das pessoas do planeta. Sem o consumo do produto de última geração, todos seriam uma espécie de cidadão inferior ou de ser humano infeliz. Acreditávamos, por fim, que estaríamos vivendo em um tipo de mundo que seria uma última fase e que não daria lugar a outro tipo de vida. Era tudo aparência ou tudo verdade. A experiência da pandemia no mínimo quebrou essas certezas.

Essas verdades absolutas mostraram suas fragilidades de uma hora para outra, sem grandes esforços políticos ou teóricos. O mundo passou a praticar outra economia, outra política e outro modo de vida. O que era verdade se mostrou sombra. E mesmo que o dia seguinte da pandemia indique um retorno aos velhos dogmas, a humanidade passou pela experiência da quebra dos mesmos. Saímos da caverna sem guerras e sem decisões

de organismos internacionais. O coronavírus fez o que jamais conseguiu fazer a ONU com seus organismos, as conferências mundiais do meio ambiente, o G7, o G20, os acordos internacionais etc. Um modo de vida inédito se globalizou em poucos dias. Estratégias de proteção da vida foram assumidas contra os mercados como saída obrigatória para a espécie humana. Os governos de todos os naipes ideológicos lançaram medidas emergenciais de socorro social para evitar a fome e o desastre final das economias. Os Estados tiveram que retomar políticas de saúde para evitar a catástrofe, ou o vexame público da morte em massa. Países que se apresentavam como modelo de economia estável e de governo viável foram expostos em suas fragilidades. Os muros foram atravessados por um agente destrutivo invisível, mais impactante econômica e socialmente do que levas de migrantes pobres. Vivemos dias dos desmentidos mundiais. As mutações invisíveis do vírus empurraram o mundo para mutações estruturais visíveis a olho nu. O rumo único para o qual o mundo era guiado mostrou sua fragilidade e até sua insuficiência para proteger a vida. Só não enxerga quem não quer ver.

O mundo não acabou, mas parou; o regime dominante e estável mostrou sua fraqueza e suas aparências

sólidas. A casa estava edificada sobre a areia. O véu que encobria as ilusões do regime mundial se rasgou de alto a baixo. O rei ficou nu. O que era sólido desmanchou no ar. A jaula de aço se mostrou elástica. Saímos da caverna e talvez ainda não tenhamos percebido. Fora da caverna teremos que encarar a verdade de frente, ainda que nossos olhos tendam a fugir da luz que já começa a brilhar. Muitos insistirão nas aparências, brigarão por elas. A crise pode gerar conservadores fanáticos ou renovadores críticos.

O futuro assusta com sua imprevisibilidade. A volta para trás é sempre tentadora por dispensar a construção do novo. E o modelo estável até agora afirmado como verdade será novamente indicado pelos donos do mundo como insubstituível. O pós-pandemia será o tempo da retomada dos dogmas econômicos e políticos. Haverá sempre os que preferem as correntes da caverna e se apresentem como servos voluntários das aparências. Mas, hoje, sabemos que os dogmas são falsos e falsificáveis. Que o novo venha, ainda que em gotas, ainda que trazendo mutações por ora invisíveis. Outro mundo é, sim, possível.

A crise e a cura

A crise instalada pela pandemia, sanitária e econômica, ainda não mostrou seus impactos profundos na vida dos povos. Os impactos virão e já se anunciam até mesmo em números. O planeta entrará em uma grande recessão. O modelo de gestão econômica planetária revelou publicamente a olho nu suas contradições e a fragilidade de seus dogmas inabaláveis. Os princípios neoliberais mostram sua contradição (funcionam bem quando tudo vai bem, funcionam mal quando tudo vai mal) e seu oportunismo: recorrem ao Estado quando as coisas vão mal. A pandemia expôs essas fragilidades ideológicas pelo planeta afora, a começar dos governos mais ciosos da autonomia e da onipotência do mercado e da posição servil do Estado. Donald Trump protagonizou

as cenas mais emblemáticas dessa confissão pública da impotência dos princípios neoliberais, embora, como todos sabemos, os reais donos do dinheiro mundial não apareçam nessas cenas públicas. Os Estados a serviço do mercado cumprem suas funções públicas de escudos e defensores da lógica do sistema do lucro, bem como de ajudadores na salvação de sua regularidade.

Com efeito, até o momento as urgências da crise justificam, inclusive eticamente, as ações urgentes de socorro dos governos às populações com políticas de renda mínima e de retomada do controle da saúde pública. Por certo, os governos ainda não tiveram tempo ou mesmo coragem de perguntar o que está acontecendo. A evidente quebra de princípios no *modus operandi* político-econômicos de suas governanças não exigiu, ainda, uma reflexão capaz de justificar a própria ruptura que se expõe nas práticas adotadas; permanecem no âmbito das ações emergenciais e delas tiram os proveitos políticos de bons governantes. E, para a sorte de todos eles, as populações permanecem no juízo superficial das ações sociais caridosas por eles praticadas. Para os defensores ilustrados dos dogmas neoliberais, por certo, não há tempo para discussão no momento de urgências sociais e, quem o fizer, será acusado de cínico e cruel

com a dor alheia que pede socorro. Para o povo, em geral, interessa o retorno à regularidade da vida, para alguns, o reino das necessidades satisfeitas, para outros, o reino dos desejos satisfeitos.

E a pandemia não poderá ser mais que um intervalo entre duas temporalidades que serão reconectadas logo a seguir, à medida que a crise for sendo controlada. A fé inabalável na rota linear da história do progresso econômico e da estabilidade do regime atual ainda alimenta as esperanças e a caridade dos grandes e pequenos donos do poder pelo mundo afora. O amanhã será o mesmo que o ontem, apesar do hoje. Essa esperança subjacente às ações emergenciais virá, com certeza, à tona nos próximos meses e tentará trazer o mundo de volta a sua rota natural.

A crise instalada desvelou o que, até então, era proibido declarar, sob pena de ser classificado como discurso retrógrado, inimigo do bem-estar individual das almas consumistas, subversão da ordem regular de um sistema mundializado em pleno funcionamento, negação de metas de desenvolvimento para as nações pobres. No caso do Brasil, o nome que sintetizou tudo isso foi comunismo. Esse inimigo universal dos ricos e dos pobres, dos

governos e das culturas, dos crentes e dos descrentes, da ciência e da estabilidade social se encarna como vírus invisível em toda parte e emerge em todos os discursos que discordam do governo atual ou que se negam a adotar sua cosmologia maniqueia. As consciências fanatizadas com esse fantasma cósmico emergiram em movimento de rua, que negava a realidade da pandemia e propunha um retorno à normalidade. Nesse caso, insistia na tese de uma crise construída por alguns agentes escondidos dentro da China ou visível na Rede Globo de televisão. O coronavírus se insere, em última instância, em uma conspiração comunista universal.

Voltemos à crise real. O fato é que o mundo terá que se decidir em sair da crise por meio de uma decisão que permita superar as contradições, ou voltar atrás e manter os mecanismos que agora não deram conta de oferecer solução ou de evitar as tragédias sanitárias, como no caso do país mais desenvolvido do mundo. A retomada dos rumos e dos mecanismos conhecidos e naturalizados como estáveis é sempre mais segura, por evitar o risco da construção do novo. A crise é sempre uma tomada de consciência de um quadro de limites que se impõe como ápice de um processo que deteriora

por alguma razão um determinado quadro. A pandemia foi uma crise que se configurou de forma abrupta e expôs pelo viés sanitário as contradições econômicas e políticas dos poderes instituídos como necessários, legítimos e naturais. Todo diagnóstico exige remédio para que possa superar o quadro crítico evidenciado. A permanência na rota da crise conduz a história para os novos ciclos, que traz de volta os mesmos problemas e as mesmas dificuldades de solução. A saída da crise exige a cura, a construção do novo que seja capaz de oferecer condições que possam criar um patamar mais elevado de soluções. A crise da pandemia expôs as contradições do modelo econômico mundial com seus regimes políticos; ofereceu um diagnóstico das ineficiências e das falências. Desse diagnóstico poderá vir a decisão de buscar a cura, a construção de novos rumos para o planeta agora definitivamente conectado. A crise é oportunidade. Caminharemos para trás ou para a frente?

O religioso essencial

No dia 25 de março, o presidente da República lançou o Decreto 10.292, autorizando a volta de alguns serviços considerados essenciais em pleno funcionamento do isolamento social. Todos conhecem a tese de fundo dessa decisão que peitou os governadores, as orientações das ciências e da OMS: a economia não pode parar e alguns serviços devem ser retomados para impedir a falência geral. Não vamos discutir aqui essa prioridade do econômico sobre a defesa das vidas. As mentes lúcidas e as consciências éticas sabem discernir esse suposto dilema (economia ou vida) sem grandes reflexões. Aliás, o instinto mais elementar dos seres vivos nos ensina que a vida é o valor primordial, quando fugimos automaticamente de uma ameaça, antes de qualquer decisão pensada.

Mas vamos focar na curiosa introdução dos cultos religiosos como serviços fundamentais no referido decreto. Não restam dúvidas de que se trata de uma carona da religião (de alguns caroneiros com nome e endereço) no pacote de objetivos econômicos. Na verdade, nada muito estranho: uma carona bastante natural para quem insere a religião nas dinâmicas de mercado. Mas a religião é, de fato, um serviço essencial? Antes se deve perguntar o que é uma coisa essencial. Os dicionários respondem que é algo que diz respeito àquilo que é indispensável para uma determinada finalidade. E o que é indispensável para uma finalidade pode evidentemente variar. O essencial para um grupo não o é necessariamente para outro. O caminhão é essencial para um caminhoneiro. A biblioteca é essencial para um pesquisador. Porém, o caminhão não é essencial para o pesquisador nem a biblioteca o é para o caminhoneiro. Mas o essencial pode ser ampliado, na medida em que ampliamos o grupo. O que é fundamental para uma cultura ou para um país? E, abrindo o foco até sua extensão máxima, chegamos, inevitavelmente, à pergunta sobre o que é fundamental para o ser humano. A ética vem respondendo a essa questão desde a Grécia antiga. A Declaração Universal dos Direitos Humanos se pautou igualmente

nessa interrogação. Mas, já antes, as grandes tradições religiosas haviam feito a mesma pergunta e respondido com suas regras de ouro que colocam o eu e o outro numa relação de igualdade radical. Em todos os casos, o valor comum se coloca acima do individual, o universal acima do local. A vida humana é o valor maior que se coloca acima de tudo nas sociedades civilizadas e na tradição judeo-cristã. Os chamados “crimes contra a humanidade” decorrem precisamente da banalização da vida humana em função de supostos valores localizados de projetos políticos particulares.

Mas, em uma conjuntura de crise global, a pergunta pelo que é essencial atinge sua expressão mais radical, excluindo tudo o que não for verdadeiramente indispensável para a preservação da vida. Na iminência de um contágio generalizado que coloca a vida de milhares de pessoas em risco, o essencial se mostra sem requintes: a preservação da vida como valor absoluto que não se negocia. E não se negocia com nenhum outro interesse, nem mesmo com o religioso. Por certo, o serviço religioso é fundamental para quem vive dele, mas não para o conjunto da população. Para aqueles que vivem dos serviços religiosos, o fechamento dos templos significa, sem dúvidas, um grande prejuízo e pode levar uma comunidade religiosa

à falência. Mas, para a população em geral, permanecer sem cultos não muda o curso da vida. Sim, não muda o curso da vida. O mais fundamental da vida é viver e para o cristianismo é viver plenamente. Vale lembrar também que muitas pessoas de fé vivem sem cultos por limites de acesso ou por convicção. Os ateus, que fazem parte da mesma sociedade que os crentes e que detêm os mesmos direitos que eles, não frequentam cultos. Há também religiões que mantêm somente cultos domésticos. Portanto, trata-se de um serviço indispensável para quem? Ademais, a Constituição Federal define nosso Estado como laico, e não pode comportar sob suas regras a ideia de que na coisa pública a religião seja politicamente essencial. No caso, o fundamental deverá, portanto, se referir a todos os cidadãos e não apenas ao grupo dos crentes. Mais uma cena dos regurgitos teocráticos do atual governo. Mas, para além desse fato social e político, podemos perguntar à própria fé judeo-cristã o que é mais importante: a proteção urgente das vidas ou a permanência dos cultos?

O culto não pode ser desvinculado da vida! “Eu detesto e desprezo as festas de vocês. (...). Longe de mim o barulho de seus cânticos. Nem quero ouvir a música de suas liras. Eu quero, isto sim, é ver brotar o direito

como a água e correr a justiça como torrente que não seca” (Am 5,21-24). O direito e a justiça para com todos vêm antes dos cultos e sem eles o culto se torna ofensa a Deus. Igrejas funcionando, ignorando a pandemia, ofendem ao Deus da vida e protetor dos pobres. Dando continuidade à tradição profética, o Evangelho é claro: “quero a misericórdia e não o sacrifício” (Mt 9,13). A misericórdia é o princípio ético absoluto que inclui a todos, que coloca a vida antes da norma e do culto. Nessa passagem descrita por Mateus, Jesus se confraterniza com os pecadores, come com eles e, portanto, entra em comunhão com eles, conforme a visão judaica. O ato de comer diz respeito ao mais essencial, a sobrevivência, e, ao mesmo tempo, ao mais social, a convivência humana. Antes do culto está a vida, e é por causa dela que o culto existe, e não o contrário. Culto que coloca a vida em risco é blasfêmia contra o Criador que nos doa vida como direito maior e traição ao mandamento do amor que define a vida cristã.

De volta para casa

O mundo moderno foi criando uma sociedade muito diferente das sociedades tradicionais, organizadas a partir de uma dinâmica local: no espaço das tribos, das aldeias, dos bairros, do grupo familiar restrito ou ampliado, nas relações de parentesco e de vizinhança. As pequenas cidades eram pequenos nós que amarravam essas localidades em uma comunidade mais estendida, mas onde todos se conheciam e se relacionavam diretamente. A vida familiar era, de fato, a célula básica da sociedade, sendo a autoridade paterna central e a tradição repassada desde a mais tenra infância como valor verdadeiro e bom a ser vivenciado. A unidade linguística, cultural e religiosa garantia a identidade familiar e grupal e oferecia poucas chances para o contato com as diferenças,

sempre distantes e, muitas vezes, ameaçadoras. Nem individualismo nem anonimato eram possíveis nesse tipo de sociedade. A unidade local e a tradição asseguravam a estabilidade das famílias e das comunidades locais.

As sociedades modernas reconfiguraram essa dinâmica de localidade e de unidade, à medida que foram estruturando as cidades maiores, as grandes cidades e as metrópoles. Hoje vivemos numa sociedade urbanizada. Estima-se que 82% da população brasileira viva na cidade e, sobretudo, nas grandes cidades. A vida social urbana acontece em outras dinâmicas espaciais. O local cede lugar para o indeterminado, para os isolamentos e para as massas. Há quem tenha definido a vida metropolitana de “multidão solitária”. Na vida metropolitana, a família perdeu sua centralidade e, quase sempre, mais recebe influência externa do que influi na sociedade. Na verdade, o processo de individualização atravessou todas as esferas da vida social e dominou as relações entre as pessoas em todas as esferas. A família é muitas vezes uma espécie de “pequeno aglomerado de indivíduos isolados”. E, na era da globalização das informações pelas redes digitais, cada indivíduo vai se tornando uma espécie de centro do mundo que liga, de modo confuso, o próximo

e o distante e parece concretizar a máxima “quanto mais conectado mais isolado”.

O isolamento social imposto pela pandemia do coronavírus colocou a família de volta no espaço comum de convivência. Não refez de forma alguma a velha centralidade social das famílias e não garantiu formas de interação entre os membros que permanecem quase sempre na conexão isolada. Porém, a volta para casa pode favorecer um reencontro do que estava desconectado e até mesmo esquecido. A coabitação pode ser um encontro forçado, mas que ajuda a perceber que outro jeito de viver é possível, que a casa é o espaço comum, que as refeições podem ser feitas em um mesmo horário, que o mundo lá fora exige a mesma decisão de se isolar para que um não contamine o outro, que a família se reencontra para que um cuide do outro e que a vida dos membros são valores defendidos por todos. Essas confluências podem não significar ainda uma comunhão familiar, mas podem lembrar o valor de cada membro vítima potencial do vírus; podem expor o valor do trabalho que existe para viver e não para escravizar em função do dinheiro; podem ajudar a perceber que os membros

economicamente inativos, as crianças e os velhos, merecem cuidados especiais; podem também convidar para os encontros na mesa e na sala há muito desfeitos pelas agendas sempre mais individualizadas da vida urbana; podem também oferecer oportunidade de criar comidas, brincadeiras, rodas de conversa etc. Estamos juntos tentando nos proteger e proteger os outros. A vida emerge como valor maior que nos faz buscar seguranças, antes dos interesses de cada membro e acima das metas individuais.

Os rituais de consumo e as práticas usuais de lazer deixaram abruptamente de ser valores imprescindíveis. Não há shopping center para a contemplação das vitrines nem boteco para a juventude se encontrar e beber. Não há cinema nem praça. Não há academia para moldar o corpo, restaurantes de fim de semana, passeio no parque e parquinho para as crianças. O mundo voltou para dentro de casa. A família tornou-se o grupo de relações imediatas, antes do grupo de amigos, da escola, do trabalho etc. O isolamento social revelou a família como possibilidade de convivência e como modo de viver juntos, olhando da mesma janela e para o mesmo objetivo de evitar o perigo iminente.

Também é verdade que o medo e o desamparo fizeram parte da rotina de muitas famílias. A anunciada crise econômica e a ameaça do desemprego e da diminuição da renda rondam como fantasma cada vez mais próximo. Como será a sobrevivência familiar no dia seguinte da quarentena? O que será mais essencial manter? O que pode ser considerado como supérfluo? Os noticiários mostrando os números de mortes e as cenas dos mortos separados de suas famílias fazem com que todos pensem na possibilidade da morte e no valor da vida. É preciso lembrar também das famílias visitadas pela morte; fraturadas pelo distanciamento do doente e pela impossibilidade de acompanhamento no hospital e, até mesmo, de se fazer o luto necessário no velório e nas condolências, de fazer os rituais mortuários como símbolos importantes para demarcar a separação do ente querido dos vivos.

O mundo esteve recluso em casa, espécie de arca de Noé que navegou no dilúvio da pandemia. Parece certo que esta crise poderá produzir outra fase histórica. Por certo, a família não será mais a mesma. O cuidado mútuo será registrado para as gerações futuras como a razão de ser da volta para casa. E, quando tudo se

normalizar, voltaremos de modo diferente para nosso ninho comum. Também visitaremos as outras casas dos parentes e amigos com outro sentimento, com saudade e com o prazer do reencontro.

Uma crise pascal

A crise de um modo de viver tem sido a marca dessa pandemia. Também tem sido o anúncio de um futuro catastrófico para as economias mundiais e locais. Por definição, crise é ruptura e desafio à continuidade das rotinas e dos hábitos. Por essa razão, ela traz sempre sofrimento e insegurança. Prevalece, muitas vezes, o sentimento pessimista de que tudo pode piorar e que o novo não virá como esforço ou como graça. Se é verdade que as crises devem ser enfrentadas com discernimento estratégico e, portanto, com a mediação das ciências e com a coragem das decisões políticas, também é verdade que sem esperança tudo pode ficar paralisado no pessimismo e na descrença. Pensar a crise em um horizonte mais amplo é sempre necessário para podermos sair dela

renovados e reforçados. O Papa Francisco expressa essa postura ao afirmar que o “tempo é superior ao espaço”. É do olhar à frente, ao horizonte mais amplo que guarda as utopias, os valores e as finalidades, que transcendem as amarras do presente, que retiramos a esperança de superação das dores e das dificuldades. A vida é sempre passagem da fase anterior para a fase posterior; passagem que carrega perdas e ganhos; passagem que se alimenta, sim, da memória, mas também do futuro que pode ser melhor. Somos todos seres abertos ao acréscimo novo que nos vai completando. Não somos repetição nem conservação, mas renovação permanente. A consciência de nossa passagem permanente nos distingue filosófica e religiosamente de cosmovisões deterministas que nos aprisionam no ciclo do eterno retorno e das fatalidades da vida.

A tradição judeo-cristã contém um fundamento pascal. O judaísmo e o cristianismo têm seus começos e suas origens na experiência pascal. Começo diz respeito ao início em algum ponto do tempo. As experiências pascais deram o pontapé na sequência dessas tradições que foram avançando pela história afora. O judaísmo nasceu da saída do Egito, da libertação da escravidão.

O povo hebreu é descendente de uma luta libertadora; são os filhos da liberdade que rejeitam a sujeição, a desigualdade e a morte. O cristianismo nasceu da morte-ressurreição de Jesus de Nazaré, da passagem da morte para vida. Sem essa fé na passagem de Jesus, o grupo de seguidores teria desaparecido e se perdido na história. Mas essas experiências fundantes são sempre atuais, ou seja, são origens permanentes das quais brotam a vida de fé dessas tradições no tempo atual. Em ambos os casos, a passagem é constitutiva dos fundamentos da fé e não um fato fixo repetido ou uma ideia afirmada como verdade teórica. O dinamismo pascal é movimento, é crise a ser superada em todos os momentos da vida. Nesse sentido, a crise faz parte da vida de fé; ela situa cada fiel entre o passado e o futuro em um presente vivenciado como intervalo a ser superado por uma vida renascida, uma vida refeita a cada momento. O momento presente é sempre passagem na direção de um futuro melhor e, por isso mesmo, o hoje é sempre limitado e precário, limitado e aberto. Para quem vive a fé em seu sentido mais profundo, a crise é sempre oportunidade, jamais derrota. A crise é o tempo de depuração como crisol que purifica o metal resistente e imutável. Ela transforma o velho em novo.

É verdade que as tradições religiosas cristalizam os fundamentos da fé e, ainda mais, petrificam as formulações e as estruturas que vão sendo criadas no decorrer do tempo. O que foi construído para preservar e transmitir a experiência primeira torna-se uma razão em si mesma e termina sufocando as origens. O passado se torna, por essa razão, a única regra que regula o presente. O mistério pascal fundante é transformado ou em ideia fixa ou em norma rígida que deve ser obedecida. A fé dá lugar à instituição. O carisma é suplantado pela burocracia. A crise pascal permanente que gera o novo dá espaço para estabilidade e a reprodução do velho. A fé pascal exige assumir a crise como passagem e não como derrota que faz voltar para trás. Os hebreus choraram as cebolas do Egito, quando se depararam com a crise no deserto. Os discípulos de Emaús voltaram decepcionados para a casa após a crucifixão de Jesus de Nazaré.

Na fé pascal, a história está grávida do tempo novo. O tempo de crise tem uma função pedagógica única de revelar as precariedades e as inutilidades de valores e práticas instalados como verdades fixas e até como dogmas. A crise faz com que eles percam a consistência e se dissolvam em meio aos desafios que são colocados

de repente na história pessoal ou coletiva. O coronavírus trouxe uma crise inédita que surpreendeu a todos em todo o planeta. O estável desmoronou de uma hora para outra sem dar tempo de pensar, discutir, planejar e decidir os rumos mais adequados. Muitos dogmas econômicos e políticos caíram por terra. As ilusões de um presente feliz, com suas ofertas de bem-estar incessante, também perderam a força. Nada permaneceu de pé. A crise exige decisão em superar os limites impostos, em abandonar as velhas seguranças e lançar-se para a frente na passagem demorada que gera o novo.

Por mais que a pandemia nos desestabilize, nossa fé nos ensina a olhar para a frente e a caminhar na direção do futuro. A fé judeo-cristã exige criatividade pascal, vigor e esperança na passagem pelo deserto, ainda que ele contenha dor e morte. O deserto que vivemos hoje é passagem que nos conduz para um futuro que deve ser melhor. As dores devem ser transformadas em oportunidades de vivermos juntos e vivermos melhor no planeta inteiro, nossa casa comum.

Ensinaamentos da pandemia

As crises podem ensinar com seus limites. Mas a questão fundamental é: ensinam o que e para quem? Os ensinamentos dependem, em certa medida, daqueles que fazem a leitura dos fatos. Contudo, a pandemia mundial impôs algumas lições para todo o planeta, uma vez que expôs problemas comuns e exigiu estratégias comuns. A crise é, por definição, a exposição dos limites de uma situação ou de uma conjuntura. Quais ensinamentos podem ser percebidos nessa crise mundial que nos toca de formas particulares em nosso país? Alguns ensinamentos podem ser elencados:

- 1) O ensinamento da fragilidade. A vida humana pode sucumbir-se a qualquer momento. Todos os seres humanos se igualam na fragilidade,

para além de qualquer distinção. O vírus pode contaminar e retirar a vida de quem o contrai, mesmo que possua diferentes condições de vida. Essa lição da igualdade entre as pessoas e entre os povos fez com que o planeta parasse em prol da causa comum de conter a expansão do Covid-19 e buscasse rumos comuns de proteção. A vida pode ser consumida por um agente infeccioso invisível. As cenas das mortes ajudam a lembrar que a vida está sempre por um fio e que as prepotências não passam de mecanismos psicológicos de superioridade ou de status social e político que perdem suas seguranças e eficácias a qualquer momento.

- 2) O ensinamento da mutabilidade. As coisas mudam, mesmo quando afirmam ser imutáveis. A pandemia rompeu com a regularidade geral da vida: com a rotina social do trabalho e da convivência, com os rumos da economia, com os regimes políticos, com a estabilidade de alguns governos, com os hábitos de consumo, com as práticas de lazer e religiosas. Conclusão: o mundo pode mudar de rumo, romper com as doutrinas

fixas e construir outro tipo de civilização. Outro tipo de vida é possível.

- 3) O ensinamento da desconstrução. Os mitos que sustentavam os regimes econômicos ruíram sem tempo para explicações. As urgências sociais colocaram os dogmas neoliberais por terra; ao menos por hora estão fechados para balanço. Os Estados injetaram dinheiro nas economias e retomaram suas funções sociais. Portanto, é possível outro modelo de relação entre mercado e Estado, outro modelo econômico sem as bases neoliberais, outro ritmo de crescimento, bem como outras práticas de consumo. Os governos encontraram dinheiro – sempre negados em nome do enxugamento das máquinas estatais – para injetar nas empresas e nas políticas sociais. É possível um Estado voltado para o bem-estar social.
- 4) O ensinamento da desigualdade. O mundo mostrou que a desigualdade é estrutural no regime geral que o comanda e nos regimes locais que o reproduzem. Embora o vírus não escolha categorias sociais para se reproduzir, ele desvela a vulnerabilidade dos mais pobres e dos trabalhadores.

Morrem mais pobres do que ricos. Morrem mais trabalhadores na linha de frente dos hospitais do que donos dos sistemas de saúde. As desigualdades sociais escondidas sob práticas “consumistas igualitárias” e negadas como discurso de esquerdista pelas elites mostraram sua concreticidade. O mundo é desigual. A desigualdade mata. É preciso superar essa situação.

- 5) O ensinamento do valor da vida. A defesa da vida coletiva e individual orientou as políticas de condução da crise. Embora o valor econômico tenha se apresentado em muitos casos como primordial, a vida se apresentou como urgência a ser defendida e exigiu ações emergentes dos governantes. Nesse sentido, foram muito bem-vindas as contradições expostas dos dogmas neoliberais e a retomada das políticas de proteção social dos governos, antes negadas. O grito pela vida ecoou pelo planeta. A vida humana é mais importante que o trabalho. O isolamento social poderia levar a falências econômicas, mas se impôs como consenso mundial.
- 6) O ensinamento da ciência. As ciências ofereceram as explicações que permitiram aos governos

adotarem as estratégias de controle da contaminação viral e do socorro das vítimas. A virologia, a epidemiologia, a medicina, a imunologia, as pesquisas estatísticas e as engenharias ofereceram cada qual seus métodos e resultados que permitiram um direcionamento mais seguro no controle da pandemia do que em episódios semelhantes do passado. Sem as ciências, a humanidade teria reproduzido as performances de outras gripes anteriores. As ciências podem contribuir com a saúde pública em velocidade e em projetos mais eficientes do que normalmente têm sido notado. Os últimos fatos nos ensinaram essa verdade e essa possibilidade.

- 7) O ensinamento da solidariedade. O mundo se sintonizou na pandemia. A empatia com os dramas vivenciados pelos países distantes trouxe para próximo os problemas. A humanidade aprendeu, em meio aos dramas da contaminação e da morte, a ir além da indiferença. O perigo comum colaborou para ações comuns e para a afirmação da solidariedade comum. Ainda que alguns possam ver em ajudas humanitárias não

mais que esmolas, o fato é que elas se tornaram políticas públicas praticadas por órgãos internacionais, por empresas, por governos, por ONGs, por igrejas e, evidentemente, por atitudes e ações de indivíduos. Sem o sentimento comum da crise vivenciada e sem a solidariedade, o drama se tornaria imediatamente tragédia.

A pandemia abriu novos horizontes de percepções e valores para todos ou, ao menos, para os que estão dispostos a ver, discernir e aprender com os fatos. Os que vivem fechados nas próprias ideias – preconceitos – não se abrem a essa dinâmica, não aprendem. Esses ensinamentos podem não ser duradouros; serem não mais que sentimentos e percepções de um tempo de crise. Mas o fato é que outra percepção do mundo se mostrou verdadeira. O que faremos com os aprendizados atuais a história nos contará. E as gerações futuras ainda aprenderão com a grande pandemia de 2020.

A teologia do silêncio

Em tempos de crise emergem interpretações teológicas tagarelas e barulhentas que apresentam soluções para problemas sem solução: promessas de salvação da contaminação, soluções mágicas por meio de rituais e orações, discursos sobre as origens sobrenaturais da pandemia, luta entre o bem e o mal. É o Deus dos raios e trovões que comanda a natureza à maneira das teofanias descritas pelas diversas tradições religiosas. A cena do profeta Elias no monte Horeb esperando Deus passar é exemplar para os que vinculam Deus à força e ao poder. O profeta vivencia uma crise e busca respostas divinas. Contudo, Deus não estava no furacão, não estava no terremoto, não estava no fogo, mas esteve na brisa suave e aí falou com o profeta (1Rs 19,11-12).

No meio da crise, onde buscamos Deus? Nos trovões ou na brisa leve? No barulho ou no silêncio? Na força ou na fraqueza? A primeira opção é mais confortável, oferece o poder religioso como saída segura, a força sobrenatural como solução. A segunda é dolorosa e exigente: Deus fala no silêncio; esconde-se onde não costuma ser buscado, na dor e na miséria humana. No meio da crise, o socorro divino é evocado como superação dos limites, como força mágica.

A cena protagonizada pelo Papa Francisco no dia 27 de março na praça de São Pedro retratou uma teologia narrativa do silêncio que se sobrepõe às palavras. O simbolismo falou por si mesmo como interpretação da crise que se espalhava pelo mundo e assolava a Itália. O papa caminhou solitário pela praça no lusco-fusco, em meio à chuva que escondia a luz do sol e parecia agravar o clima de desolação. A imagem da solidão do homem vestido de branco caminhando na direção da cruz mostrava a dor, o silêncio e a direção possível. O itinerário pareceu demorar bem mais que os metros que o separava do crucifixo que o aguardava com o silêncio da morte. O silêncio falava em cada passo na direção do Jesus ensanguentado e morto, onde a morte

imperava como mensagem e exigia uma hermenêutica diferente que nos desafiava a olhar para além da dor e começar de novo. Na praça deserta a cruz se revelou conatural ao vazio e pronunciou a dor final da morte, do sofrimento sem socorro, da nudez do condenado exposto à beira da estrada, da crueldade humana que matou violentamente, do cadáver pregado por cravos no madeiro, da fragilidade do corpo, da impotência dos amigos do condenado, do aguardo da ação de Deus. O suspiro do abandono humano exalou no longo silêncio, no deserto e na solidão da praça e das ruas vazias das cidades pelo mundo afora.

O Papa Francisco revelou um rosto banhado em cansaço e sofrimento. Aproximou-se da cruz que já tem uma história significativa; fora colocada em procissão por ocasião da peste negra que chegava em Roma. A cruz que socorre os crucificados pela grande pandemia que matou dois terços da população europeia estava novamente evocada como sinal de libertação. O beijo nos pés da imagem completou o enredo do silêncio. É a solidariedade com todos os que sofrem. A imagem permite o beijo em todas as vítimas, em todos os internados nas UTIs, em todos os reclusos em casa, em

todos os sepultados sem a presença das famílias; o beijo unifica o distante na empatia que rompe todos os muros e antecipa e dispensa todos os discursos. O crucificado é a dor nua e crua.

Francisco contemplou a cena de dor do crucificado na dor de todos os italianos e de todos os que sofrem pelo mundo afora. A primeira oração é também silenciosa, contemplativa, de coração para coração. Tudo parece repetir o grito do crucificado: Meus Deus, meu Deus por que me abandonaste? As cruzes existem e levam à morte. A morte de Deus na cruz nos ensina a enfrentar a dor com a esperança na vitória da vida. No final, Deus enxugará todas as lágrimas. Francisco rezou a dor e a esperança que nascem da cruz.

Abraçar a sua cruz significa encontrar a coragem de abraçar todas as contrariedades da hora atual, abandonando por um momento a nossa ânsia de onipotência e possessão, para dar espaço à criatividade que só o Espírito é capaz de suscitar. Significa encontrar a coragem de abrir espaços onde todos possam sentir-se chamados e permitir novas formas de hospitalidade, de fraternidade e de solidariedade. Na sua cruz, fomos salvos para acolher a esperança e deixar que seja ela a fortalecer e sustentar

todas as medidas e estradas que nos possam ajudar a salvaguardar-nos e a salvaguardar. Abraçar o Senhor, para abraçar a esperança. Aqui está a força da fé, que liberta do medo e dá esperança. A teologia do silêncio encenada por Francisco comunica o Deus cristão, sem poder, puro amor, solidariedade com as vítimas. O Deus encarnado em Jesus de Nazaré é Deus contingente que pulsa por dentro do corpo humano, se esconde nos prazeres e nas dores da humanidade. Em Jesus, Deus nasce, cresce, vive e morre; o divino se instala dentro dos limites humanos. Por essa razão, sente fome e frio, sente alegria e tristeza, sente dor e experimenta a morte. O crucifixo é a morte do Filho de Deus, do Deus que se fez sofrimento e morte. A partir da cruz só podemos buscar Deus dentro do humano; voz que fala no humano, dor que sente dentro da dor humana, grito de socorro na dor que dilacera e faz sucumbir os corpos. A cruz é o lugar do humano nu, da redução final, lugar em que Deus falou e se mostrou como solidariedade radical com a humanidade. Os desafios lançados ao crucificado, “se és Filho de Deus desce da cruz”, têm como resposta o silêncio de Jesus e o silêncio de Deus. O Deus todo-poderoso desaparece e dá lugar ao Deus amor que se relaciona com nossa liberdade, o Deus da misericórdia

e da solidariedade com as vítimas de ontem e de hoje. Desde a cruz Deus se mostra como fraqueza que exige o amor como forma de vivenciá-lo na história presente.

Onde está Deus em meio à pandemia? Onde está o Deus cristão, crucificado com as vítimas da história, sentindo a dor dos que morrem longe de casa nas UTIs, sem o colo da mãe, sem remédio e gritando pelo próprio abandono à morte fatal. Se és Deus nos livre da pandemia. Este é o desafio dos crentes na onipotência divina que rompe com as leis da natureza. Deus fala no silêncio da dor e leva para seu paraíso, ainda hoje, os condenados à morte.

A vida planetária

A pandemia do coronavírus igualou a todos no planeta. Com certeza, estamos vivenciando a maior pandemia de todos os tempos e aquela de fato mais planetarizada. Nenhuma nação escapou de seus ataques e, dentro do teto regular da transmissão, a maior parte da população mundial vai assimilar o vírus como corpo estranho, mediante os mecanismos naturais de defesa do organismo humano. Em alguns meses terá sido mais um vírus, porém sua marca mundial e local, coletiva e individual terá ficado registrada para a história humana em nossas memórias. Talvez a humanidade nunca se tenha apercebido como tão igual como nestes últimos meses. As grandes guerras, precisamente por serem guerras, aconteceram sob o signo da divergência

e da negação do outro. Foram guerras mundiais, mas, na verdade, enfrentamento de dois mundos distintos e opostos. A pandemia provocou a experiência do destino comum, a busca da aprendizagem comum e das soluções planetárias. Somente algumas mentes fanáticas enxergaram conspiração na tragédia mundial: o vírus teria sido produzido na China para assolar o planeta. Um pastor pentecostal construiu uma teoria ainda mais criativa: o diabo é socialista e inventou o coronavírus para ajudar a China a dominar o mundo. A religião das fantasias ou as fantasias da religião encontraram solo fértil no medo da crise, medo dos que temem sinceramente a dor e a morte e medo dos que veem suas ofertas religiosas em risco mercadológico.

Não há dúvidas de que a experiência planetária atingiu seu grau máximo nessa pandemia. Sairemos mais planetarizados dessa crise, seja pelo processo de contágio do vírus, seja pelas consequências econômicas, sociais e políticas do pós-pandemia. Esse dado real não pode, contudo, esconder a contradição social também planetária. O coronavírus é planetário, mas não é socialmente neutro. Os enfrentamentos políticos da pandemia não são igualmente neutros. Ao contrário, têm intencionalidades

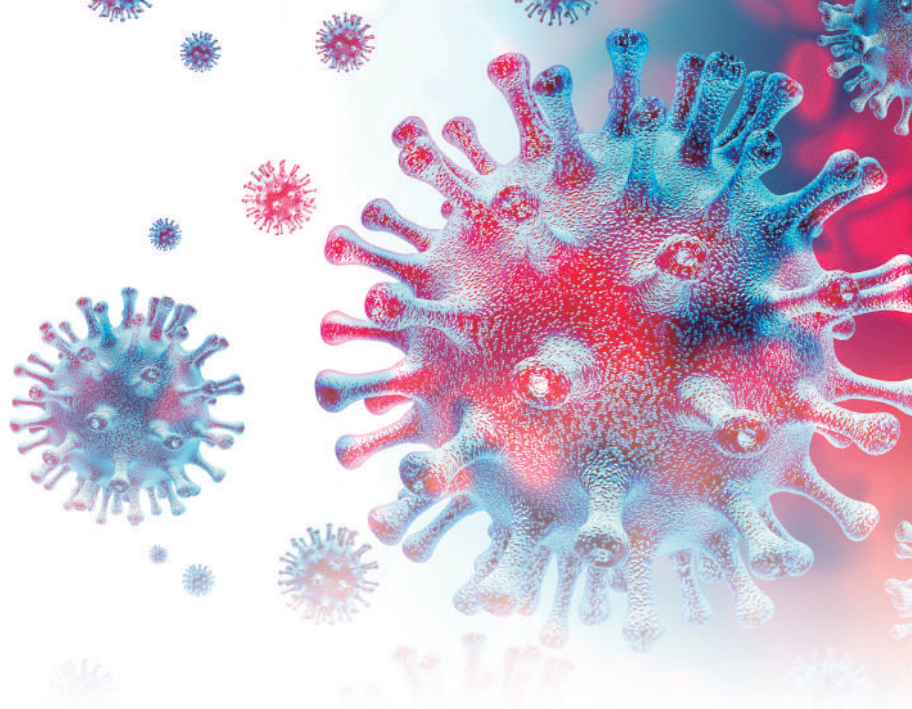
econômicas explícitas e implícitas. E a pergunta pelo futuro da economia planetária (locais) coloca-se de agora em diante como a questão mais crucial a ser equacionada. O mundo parou e com ele as dinâmicas econômicas consideradas até então regulares, estáveis e insubstituíveis. O isolamento social não somente driblou a velocidade de contágio do coronavírus, mas mostrou que é possível viver de forma diferente, ou seja, produzir diferente, consumir diferente, trabalhar diferente, locomover-se diferente etc. O *inédito viável* de que falava Paulo Freire irrompeu na história do planeta frenético e cansado. Outro estilo de vida se mostra possível nos âmbitos macro, meso e micro da produção, das relações de trabalho, dos processos de ensino-aprendizagem, das relações humanas. A crise do coronavírus trouxe uma ruptura que nos coloca agora diante de uma opção: avançar para a frente saindo da crise ou retornar aos velhos padrões?

As possibilidades de construção do novo se mostraram no movimento de crise e podem ser vistas como oportunidade de um novo modo de vida para todos e para todo o planeta que grita por sustentabilidade. A parada obrigatória poderá dar o passo à frente, superar limites, instaurar a justiça enquanto é tempo.

*O Senhor interpela-nos e,
no meio da nossa tempestade, convida-nos a
despertar e ativar a solidariedade e a esperança,
capazes de dar solidez, apoio e significado
a estas horas em que tudo parece naufragar.*

*O Senhor desperta, para acordar
e reanimar a nossa fé pascal*

(Papa Francisco).



JOÃO DÉCIO PASSOS

Doutor em Ciências Sociais e livre-docente em Teologia.
Professor na PUC-SP e ITESP e editor de Paulinas.



ISBN 978-85-356-4618-4



9 788535 646184